

CADERNOS DA FEI

Fundação Educacional Inaciana Pe. Sabóia de Medeiros

Nº 23 – Janeiro/2021





CADERNOS DA FEI – EDIÇÃO Nº 23 - JANEIRO/2021

Publicação da Fundação Educacional Inaciana Pe. Saboia de Medeiros, mantenedora do Centro Universitário FEI e dos institutos a ele associados.



Presidente

Pe. Theodoro Paulo S. Peters, S.J.

Coordenação Editorial

Pe. Paulo de Arruda D'Elboux, S.J.

EXPEDIENTE

Arte final e diagramação

Departamento de Marketing e Comunicação da FEI

Revisão

Beatriz Gross

Fotos

Arquivo FEI, Ilton Barbosa, Istockphoto.com

Endereço para correspondência

Rua Vergueiro, 165

Liberdade - São Paulo - SP

CEP 01504-001

E-mail: marketing@fei.org.br

www.fei.edu.br



MENSAGENS DO PRESIDENTE

- 06 O DEUS QUE NOS CONFORTA
- 10 UMA AGENDA DE ESPERANÇAS
- 13 EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS
- 20 MOMENTOS DE OTIMISMO E ESPERANÇA

MENSAGENS DO REITOR

- 23 ACOLHIDA 2020 E MENSAGEM DE POSSE DA NOVA REITORIA
- 28 UM 2020 DE UNIÃO, SERVIÇO E ESPERANÇA



VIDA ACADÊMICA

- 42 OS NOVOS DESAFIOS DA VIDA ACADÊMICA PARA O PROFESSOR E ALUNOS

ATUALIDADE

- 44 A PANDEMIA, O DRAGÃO E O APOCALIPSE
- 49 E O MUNDO NÃO É MAIS O MESMO

ARTE E LITERATURA

- 54 2020ª NOITE

NA LUZ DA ETERNIDADE

- 56 PROF. CARLOS ROBERTO BURRI
- 57 PROF. ALFREDO ALVIM DE CASTRO
- 58 PROF. PIER MARCO RICCHETTI
- 59 PROF. LUIZ VALDIR BONASSI
- 60 PROF. ALBERTO FOSSA
- 61 PROF. ANTONIO BORSOI



62 MENSAGEM PELO NATAL



Foto: Luan Macedo
Aluno do curso de Engenharia de Automação e Controle



APRESENTAÇÃO

Em 2020 o mundo parou.

Passadas as férias e o Carnaval, mal iniciávamos as atividades acadêmicas, quando o coronavírus começou a se espalhar pelo mundo, tornando-se uma pandemia.

Pegou-nos a todos completamente desprevenidos.

O que parecia uma gripe, como tantas outras, ganhou proporções incontroláveis com o número sempre crescente de contaminados e de óbitos.

Em clima de urgência, os profissionais da saúde foram convocados, hospitais de campanha instalados e realizadas parcerias internacionais com grandes laboratórios em busca de vacina.

Paralelamente, prevendo uma grave crise social, foram criados os auxílios emergenciais para a população desassistida e ajudas financeiras para as empresas.

As pessoas foram alertadas para os riscos de contaminação e motivadas a ficar em casa. As universidades e escolas, as igrejas, o comércio e as empresas, obrigados a suspender as atividades que implicassem aglomeração. Aulas, reuniões e celebrações passaram a ser on-line e a máscara a fazer parte de proteção pessoal.

Depois que tudo passar, o mundo já não será o mesmo.

O Cadernos da FEI, nesta edição, partilha com a comunidade universitária o que a Reitoria, as coordenações, os professores, pesquisadores, funcionários, alunos e famílias fizeram para a migração das atividades para o ambiente virtual de aprendizagem - AVA-FEI.

Por outro lado, a Igreja e a Companhia marcam a sua presença inspiradora e confortante.

Não poderia faltar a homenagem a devotados professores que durante muitos anos se dedicaram, com empenho e competência, a formar gerações de profissionais responsáveis e, agora, passaram a fazer parte das nossas lembranças.

Passada a pandemia da Covid-19 e enxugadas as lágrimas pelas perdas de entes queridos, que 2021 seja um ano de esperança renovada!

Pe. Paulo de Arruda D'Elboux, S.J.

Assistente Religioso do Centro Universitário FEI

O DEUS QUE NOS CONFORTA

Homilia da Eucaristia de abertura da Semana de Qualidade no Ensino,
Pesquisa e Extensão do Centro Universitário FEI – 03 de fevereiro de 2020.



Pe. Theodoro Paulo S. Peters, S.J.
Presidente da FEI



A ceia em Emaús
Rembrandt, 1648, Museu do Louvre, Paris

Irmãos e Irmãs em Jesus Cristo!

Bem-vindos para o início de nossas atividades no desenvolvimento de nossa Missão na Comunidade do Centro Universitário da FEI. Fico feliz que tenham podido dirigir-se à nossa capela, espaço sagrado para nossas reflexões, meditações, contemplações pessoais e comunitárias. É grande consolação iniciar o semestre com as bênçãos solícitas de Deus. Nossa oração comum oferece espaço para a escuta atenta da palavra de Deus, legando experiências espirituais nas mais diversas circunstâncias das vidas das pessoas, especialmente registradas para tornarem-se indutoras de nossos necessários discernimentos, prévios às nossas deliberações.

Hoje acompanhamos um momento forte de desgraça para o rei Davi, fugindo do usurpador de seu trono, seu próprio filho Absalão. O poeta, no salmo, descreve-se sofrendo a sanha malvada de seus inimigos, que o atacam, desafiando a sua fé, porém, vitoriosamente ele a confirma: chamei em alta voz pelo Senhor e ele me ouviu, me respondeu, restabeleceu a minha paz. O evangelista Marcos narra a travessia para a outra margem do mar, de Jesus com seus discípulos desembarcando em terra pagã, onde Jesus é confrontado por uma pessoa ensandecida.

O segundo livro de Samuel, profeta e juiz de Israel, apresenta a bela biografia de Davi. Desde a juventude, caçula de muitos irmãos, é apresentado como escolhido, preferido por Deus para ser ungido por Samuel, com a observação de que o Senhor não atenta para as aparências, mas perscruta os corações. Davi é apresentado como pajem do rei Saul, junto ao qual faz boa figura: tático, ardiloso, vencedor, guerreiro, desperta inveja, incita ao ódio; ameaçado de morte, torna-se fugitivo errante. Tendo uma vez penetrado no acampamento inimigo, aproxima-se duas vezes do rei, do qual corta um pedaço do manto, sem ser notado, e estando adormecido surrupia o cantil e a espada, para depois, do outro lado do monte, mostrar seus feitos garantindo sua fidelidade e respeito ao rei ungido.

Assumindo a realeza, mostra-se político hábil, reúne as tribos, unifica o reino. Vence inimigos, guerras, tendo tudo ao seu dispor, ultrapassa limites cometendo adultério, engravidando uma mulher casada, ainda que dispusesse de harém com suas esposas. Razão pela qual perpetra a morte do marido traído, para unir-se oficialmente quando se tornasse viúva. O que fez terá consequências em sua vida.

Hoje ouvimos que foi perseguido pelo próprio filho, autoproclamado rei em seu lugar. Para poupar a cidade do assédio e nela sediar combates prejudicando a vida dos habitantes, ordena que a Arca da Aliança, bem como os sacerdotes, permaneçam em Jerusalém, partindo como fugitivo, vestido de penitente peregrino, com a cabeça coberta e os pés descalços. Na rota é ofendido com desaforo e pedras atiradas em sua direção por um descendente de Saul, rei morto em combate. Impede que o chefe de sua guarda pessoal o agrida e mate. Reconhece o que lhe acontece como castigo de Deus. Espera que Deus lhe resta-beleça a felicidade de outrora. Expia suas culpas, afirma a retidão de sua confiança no Senhor. Rei humilhado. Desterrado pela ação do próprio filho usurpador instalado em seu palácio.

A história prosseguirá, Absalão será morto em combate para tristeza

maior de Davi. A narração não poupa o melhor rei de Israel, mas denuncia as fragilidades das alianças humanas. Só a fidelidade à aliança com Deus é fonte de vida e plenitude. Davi não rompe com o Senhor. Confia em sua misericórdia. Deus abençoa Davi pela retidão de seu coração: grande no pecado, grande na conversão, na aceitação da vontade do Senhor.

O salmo é um belo poema apresentando uma situação limite. Alguém é perseguido. Sofre ataques de elementos numerosos. Levanta-se contra ele a energia de muita gente. Cercado, ele ouve os comentários maldosos a seu respeito que lhe fazem muito mal. Como é possível afirmar, sugerir que “eu não acho salvação junto de Deus”? Sofre pressão, agressão e a ironia maldosa. Corpo maltratado. Espírito abatido. Tudo para desabar sua resistência, para o deprimir, solapando sua fé e confiança na ação divina. Sua forte reação clamando aos gritos pelo socorro do Senhor, pela sua intervenção.

A resposta divina o consola, lhe devolve a paz. Deus se revela escudo protetor contra os ataques que sofre. Deus é a minha glória, restituiu a minha dignidade, levantou minha cabeça, posso olhar de frente aos meus inimigos. Não estou só! Deus está comigo. Deus veio salvar-me. Deus



Rei Davi

é a minha segurança. Posso seguir vivendo normalmente: de dia e de noite, deitando e dormindo bem tranquilo, acordando em paz. A razão da minha consolação: Deus me sustenta, é a minha fundação sólida, a minha firmeza. Com o Senhor ao meu lado não tenho mais medo de milhares me cercando, furiosos contra mim. Deus, vinde salvar-me. Permaneci comigo. Descrição e confissão de fé na providência do Senhor. O Senhor fortifica os que lhe são fiéis.

Marcos apresenta o Evangelho de Jesus. A boa notícia para toda a hu-

manidade, a vinda de Jesus. Celebramos o Natal, a festa da encarnação da palavra de Deus. Veio habitar entre nós. Veio manifestar a glória de Deus, garantir a fidelidade de seu amor, a manifestação de sua misericórdia.

Uma barca de pescadores transporta Jesus e os seus discípulos para a outra margem do mar da Galileia. Ao aportar, Jesus desce em território pagão, fora da fronteira de Israel. Ali habitava um homem descrito como energúmeno. Possuído por espíritos impuros, vivia fora de si. Demonstrava uma força brutal. Não podia ser

contido. Habitava pelos cemitérios e sepulturas, agredia-se com pedradas. Vagava sem sossego dia e noite. Vida insuportável. Ao ver Jesus, vem correndo e joga-se de joelhos diante dele. Dirige-se a ele como Filho do Deus Altíssimo. Conjura em nome de Deus para não ser atormentado. Porque Jesus lhe dizia “espírito impuro sai desse homem”. Jesus pergunta o nome do espírito impuro. Responde: “Legião, porque somos muitos”. Pedem a Jesus para não serem expulsos da região. Pedem para entrarem numa vara de porcos que pastava pelo monte. Jesus permitiu. O efeito sobre os porcos foi imediato. Precipitaram-se monte abaixo para dentro do mar e se afogaram. Os guardadores dos porcos saíram correndo narrando a notícia na cidade e nos campos. Os moradores vieram ver o acontecido. Encontraram Jesus e viram o endemoninhado sentado, vestido, em seu perfeito juízo. Ficaram com medo e pediram para Jesus ir embora da região deles.

A narrativa de Marcos nos mostra uma pessoa prisioneira de forças destruidoras que estavam procurando destruí-la. Os concidadãos para defendê-la ainda mais a aprisionavam com correntes e cadeias que eram quebradas. Esta pessoa morreria pelas ações desesperadas que cometia,

impulsionada pelas forças hostis: pedradas, agitação contínua: noite e dia, ambiente de sepulturas e cemitérios.

A chegada de Jesus atrai pelo pressentimento de que chegava alguém mais forte do que o demônio. Chegava o filho de uma divindade cultuada na região pagã. Jesus é testado em nome de Deus pelo demônio. O demônio opressor deste homem conjurava Jesus que em nome de Deus não o atormentasse. Jesus demonstra sua autoridade divina. Ordena, como mais forte do que

o demônio, que saia. Permitindo que entrasse nos porcos, mais ou menos dois mil, que descontrolados se lançam ao mar, tira a base em que demonstrava sua força destruidora da humanidade. O homem restituído à própria dignidade quer seguir Jesus. Jesus não permitiu. Deus-lhe a missão de anunciar aos seus o que Deus fez por ele em sua misericórdia, o que ele iniciou imediatamente, ultrapassando os limites em toda a Decápole, preparando assim as futuras visitas do Senhor. Todos ficaram admirados diante do que viam e ouviam.



Jesus e o endemoniado

Experiências diferentes transmitidas de geração em geração. Gestando cultura, legando a pedagogia da graça de Deus para que possamos descobrir a ação de Deus em cada pessoa, em cada um de nós, em toda a humanidade, em toda a terra. Davi, escolhido por Deus, era um homem segundo o coração de Deus. Deus lhe confia a missão. Ele desempenhou sua missão. Falhou gravemente ofendendo Deus, quebrando a Aliança, os mandamentos do Senhor. Advertido pelo profeta que lhe revelou seu pecado através de uma parábola, reconheceu seu pecado, rezou para que Deus o perdoasse. O Senhor o perdoou. O Senhor perdoa sempre. Rico em Misericórdia e Esperança.

O salmo afirmou fé e confiança em Deus nas piores expectativas que vivia e sofria. Foi atendido no seu pedido de socorro. Deus lhe respondeu. Restituiu-lhe a paz. Deus é a fonte da Paz.

Jesus, no Evangelho, mostra que se inaugurou o Reino de Deus. Aproximou-se de nós. O Reino do Mal, do demônio, da morte, perdeu sua força. Deus é mais forte. Deus não pactua com o Mal. Deus nos quer Bem. Ele é a nossa força e segurança. Prossigamos descobrindo as maravilhas de Deus em nossas vidas e venturas. □

UMA AGENDA DE **ESPERANÇAS**

Abertura da Semana de Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro Universitário FEI - 3 de fevereiro de 2020.



Equipe AICHe FEI trabalhando no projeto de veículo movido a Hidrogênio.

Senhores reitores, professores, pesquisadores, colaboradores técnico-funcionais, estudantes:

Iniciamos o novo período letivo, neste 2020, com muitas expectativas. Estivemos reunidos expressando nossa fé nos valores fundamentais aspirados para a existência humana, pelo conforto da revelação divina expressando que fazem parte da intenção criacional divina: fazer o bem faz parte do DNA humano, evitar o mal, consequentemente, torna-se imperativo moral.

Na capela, experimentamos a dimensão contemplativa, estimulando o discernimento, para as melhores escolhas entre tantas boas opções disponíveis.

Agora formalmente, expresso a acolhida da FEI a todos que podem e aceitam participar da configuração de nossa missão comum, visando propiciar a formação universitária da juventude, pelo pleno desenvolvimento de suas aptidões, habilidades, metodologia científica, para formular a melhor resposta no exercício profissional cidadão a serviço do bem comum da sociedade.

Abriu o ano letivo é agendar esperança, projetar o futuro, viver o presente, herdar o passado.

Agradecimento

Desejo partilhar a vivência do agradecimento pelo ciclo vivido pela nossa comunidade universitária, com a articulação das nossas faculdades em Centro Universitário instalado e a posse da primeira reitoria, liderada pelo Dr. Márcio Rillo, que nos deixou prematuramente pelo seu falecimento inesperado.

Seu mandato prosseguiu com a nomeação do vice-reitor acadêmico Dr. Fábio do Prado, que após a conclusão deste mandato foi reconduzido, bem como seus vice-reitores.

Graças à aderência demonstrada na liderança da missão recebida, vários níveis de qualidade foram alcançados nas atividades fins de ensino, pesquisa e extensão.

Ao Dr. Fábio do Prado e à sua equipe, a minha gratidão e as minhas felicitações pelo zelo, desempenho, criatividade, afabilidade, bem como a capacidade para absorver sugestões, implementar as regulamentações necessárias, tornando a autoridade simpática, porque exercida como serviço ao bem comum, à qualidade universitária, à expectativa e ao bem querer da sociedade. O exercício de seu múnus permitiu que, acolhendo a proposta de encerramento, de um ciclo virtuoso, participasse ativamente da indicação e facilitasse a passagem para

um novo ciclo, ora iniciado, com a indicação, aceitação e nomeação da nova reitoria, sob a liderança do Dr. Gustavo Henrique Bolognesi Donato, formalmente empossado, bem como a sua equipe, no dia 7 de janeiro.

Esperança

Partilho, igualmente, a vivência da esperança que a segunda reitoria do Centro Universitário exige para liderar os processos indutores da Inovação necessária à sociedade, diante das oportunidades projetadas por presumíveis megatendências nas próximas décadas, incidindo na vida das pessoas, no exercício de suas atividades profissionais, na plena realização de seus carismas e utopias, na sustentabilidade planetária.

Os adágios latinos falavam de condições para sustentar o anseio de paz.

Hoje se poderia sugerir que, se quisermos a paz, é preciso preservar a natureza, recompor danos causados pela exploração humana, em articulação com todas as forças vivas empreendedoras convergindo complementarmente: academia, empresa e interesse social.

A sustentabilidade do planeta condiciona a sobrevivência humana, animal, vegetal. Cuidar da terra é zelar pela nossa casa comum, nossa moradia, nosso legado para as gerações.

Ação

Pode a engenharia reparar danos ambientais, oferecer soluções para a população, ser aliada da humanidade e da natureza – seria nossa proposta.

A gestão de recursos e a administração das soluções para as dificuldades do dia a dia de nosso povo podem receber alternativas viáveis e sustentáveis – seria nossa expectativa.



Robô Hera - idealizada e desenvolvida por alunos da FEI, desempenha atividades domésticas e nasceu com o intuito de melhorar a qualidade de vida das pessoas e assegurar a inclusão social.

A computação, a robótica facilitando o atendimento das necessidades, a diminuição de atividades braçais, a comunicação entre as pessoas, a mobilidade em meio às distâncias, o tráfego engarrafado e os meios de transporte de massa – seriam pesquisas muito esperadas.

A FEI, como comunidade acadêmica, deseja intensificar as relações com a sociedade, participando de projetos nos quais possa contribuir com o conhecimento, envolver os trabalhos de serviço de seus estudantes visando melhorar a qualidade de vida da vizinhança, região, nação.

A extensão universitária exerceria sua autoridade de autoria de boas soluções na partilha do conhecimento acadêmico com as soluções populares, contribuindo para a formação do olhar e da sensibilidade de todos, o dom de si, de seus talentos, de sua vida para o bem do próximo. Cidadania, Ciência, Conhecimento, Sensibilidade, Planificação, Solução, Altruísmo, Solidariedade, Dedicção caminham comunitária e articuladamente.

Pelo que já foi realizado concretamente, fato constatado inegável do passado e do presente, é possível a consistência da esperança de lançar-se em busca dos melhores meios para ajudar na formação da juventude que ocorre confiando em nosso aporte, nossa partilha, nossa missão.

A razão da nossa existência é o serviço à vida e à vida com dignidade: imagem e semelhança divinas, por vezes desfiguradas.

Que os meios disponíveis sejam a melhor contribuição para a realização do fim, a razão pela qual existimos, a nossa missão e serviço à vida.

O percurso é longo! Prossigamos! □

EM BUSCA DE **NOVOS CAMINHOS**

Abertura da Semana de Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro Universitário
FEI – 5 de agosto de 2020.

Bom dia a todos colaboradores da FEI em sua Missão de apoio à formação da juventude através da educação universitária no ensino, na pesquisa, na extensão, em seus vários níveis da graduação, da pós-graduação, da especialização.

Dirigindo-me a todos os docentes, pesquisadores, auxiliares administrativos, técnicos do corpo funcional e empre-

sários, desejo fomentar a melhor articulação entre a escola, formando para a vida, e a sociedade, grande beneficiária das conquistas acadêmicas, através do corpo discente bem preparado para a cidadania, a civilidade, a capacidade de oferecer soluções aos problemas a curto, médio e longo prazos.



Nossa Semana de Qualidade se abre recordando o semestre que se encerra e prefigurando o próximo que se descortina. Sugiro “refletir para tirar proveito” do que foi experimentado pessoal e profissionalmente, individual e comunitariamente.

A mensagem do presidente habitualmente era feita em dois momentos: oracional na Capela e direcional na assembleia formal no Auditório.

Hoje, penso que os dois momentos se integram, condicionados pelos protocolos de segurança sanitária decorrentes da pandemia Covid-19.

O contexto envolveu a todos, a partir da segunda quinzena de março, na interrupção do trabalho presencial e o mergulho na construção coletiva do Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA-FEI.

Impossível permanecer impassível na rocha firme presencial. Foi necessário lançar-se ao mar, uns com maior desembaraço, outros levando caldos, solavancos nas marolas. A rocha firme de hábitos arraigados foi abalada. A adesão à Inovação foi precipitada.

No mar, muitas vezes, não é possível avançar em direção reta ao objetivo, é preciso seguir as correntes, encontrar a saída certa.

Assim, a nossa comunidade acadêmica foi envolvida, ninguém conseguiu ficar à parte. A atenção para com todos exigiu a manutenção da rota. Concretamente, avançar com qualidade para oferecer o que foi acordado: a realização do semestre acadêmico, o prosseguimento da pesquisa, a orientação dos estudantes em seus projetos.

Articulados, conseguimos nos reunir fortalecidos pela missão sendo desenvolvida com a cooperação de todos.

Esta situação de desinstalação tornou-se uma grande oportunidade para os que aderiram ao oceano, percebendo que era uma força favorável, desde que respeitados os limites da velocidade, dinâmica e outras leis físicas, químicas, mecânicas, elétricas, gerenciais.

Os instrumentos eletrônicos, computacionais, vídeos, softwares simples e sofisticados ajudaram a expressão do conhecimento, a indução ao aprendizado, a motivação para a criatividade e inventividade. Exigiram respostas para evitar a marginalização da recusa, da não aderência às mudanças que começaram a instalar-se e a fazer parte do trabalho, do aprendizado, do aperfeiçoamento como projeto de vida de cada um.

Santo Inácio de Loyola

Na capela, estaria fazendo memória do fundador da Companhia de Jesus, Santo Inácio de Loyola, cuja festa foi celebrada no dia 31 de julho.

Recordaria o longo tempo colocado à margem de tudo ao que estava acostumado, em razão do ferimento de guerra numa perna que passou por várias operações sem anestesia, na luta pela vida em razão da febre e infecção que lhe advieram. Assim que pôde ler, pediu livros. No solar familiar, em que jazia na longa recuperação, havia apenas dois livros. Não eram os seus prediletos, mas começou a ler e imaginar o que lia como se ele pudesse fazer melhor do que os heróis descritos. Competia, estimulado com sua vida, capacidades, heroísmo de então, achava que ultrapassaria os feitos de santos tais como Pedro, Francisco, Domingos, realizados em seus tempos.

Pensando em fazer melhor, se alegrava, usufruía paz consoladora. Sem poder andar, no leito, continuava as leituras, matutava em seu interior. Comparava como estava e o que gostaria de continuar a fazer, entretinha-se passando o tempo, porém, a felicidade experimentada era de pouca duração. A seguir, sentia uma nostalgia que não o satisfazia. Assim que pôde manter-

se em pé, partiu pelas estradas distanciando-se das terras familiares. Decide peregrinar, quer mudar de vida. A vida aspirada é a que lhe oferecia consolação e paz duradoura.

Passa um tempo solitário em uma gruta em Manresa. Leva seu caderno e seus lápis, começa a escrever o deslindamento do mistério de sua vida. Vivendo ao Deus dará, registra o que Deus lhe vai dando.

Suas anotações registram o que se passava em seu interior. De peregrino

em vista de Jerusalém, vai se tornando peregrino em vista da descoberta do que Deus espera dele, busca conhecer a vontade de Deus.

Seu livro, encerrado, passa a ser divulgado diretamente por ele para as pessoas que conviviam com ele pelo seu itinerário: inaugura o método para chegar à vontade Deus: são os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola.

Ele chega a expressar que Deus o conduziu como um pai conduz seu filho para aprender a andar. Acha que cada

pessoa pode fazer o mesmo caminho conduzido pelo próprio Deus. Ele fala que é um caminho perigoso porque não é pré-existente, exige ser traçado pessoalmente, pode haver desvios, mas garante que, sendo o fiador o próprio Deus, Ele não engana, nem ilude, esclarece. Porém, é preciso verificar se o que motiva vem de Deus ou é ilusão de bem, para nos afastar dele.

Chama ao processo discernimento dos espíritos que movem quem faz os exercícios espirituais. Ele ensina como fazer o verdadeiro discernimento para



Inácio convalescente em Loyola - 1521 - 22

acolher a paz da consolação do próprio Deus.

A crise na qual Inácio fora envolvido foi devido a uma bala de canhão que lesionou sua perna. As consequências o levaram às portas da morte. Curando-se, descobriu algo que nunca havia pensado antes. Isolado numa gruta sem maiores fontes de consulta do que seu caderno com suas anotações das leituras, deixou seu talento ler a própria realidade e nela descobrir como Deus age em relação a todas as suas criaturas, como dar o ser, o existir, o realizar a cada uma.

Inácio foi sacudido, jogado às ondas da morte, reagiu, e bem, permanece como luz brilhando para a humanidade, sempre atual, porque reflete os dons que de Deus hauriu.

Recuperando sua saúde corporal, exercitando sua saúde espiritual, abriu-se o horizonte de sua existência.

Isolado em sua gruta em Manresa, Inácio escrevia a convicção para entrar em Exercícios Espirituais, para entrar em órbita com o Senhor: o ser humano é criado para louvar Deus com sua vida, razão pela qual deve fazer escolhas que mais ajudem a cumprir sua missão incrustada em seu ser pelo Criador.

Inácio cinzelava, nos espíritos, a busca pelo sentido da vida, permitindo a melhor resposta que cada pessoa pudesse dar ao longo da própria vida, não só com palavras, mas com atitudes geradoras de vida e de vida de qualidade.

Dele ficou a expressão:

"O amor veraz se mostra mais com obras do que com palavras."

A pandemia

Como docentes, pesquisadores, discentes, técnicos, auxiliares administrativos pudemos reagir diante da pandemia.

A mudança veio brusca, os protocolos foram sendo desenvolvidos aos poucos, os cuidados pela própria segurança sanitária exigiram muito de todos, ao mesmo tempo, a certeza de que a vida não para, que não se pode parar na pista, que é preciso progredir e dar a melhor resposta para si mesmo e para o próximo, para sua família e para o exercício de suas atividades.

Vale refletir o que aconteceu com cada pessoa, como conseguiu piorar ou melhorar no desempenho de suas funções de apoiar a formação dos estudantes que lhe foram confiados.

Inácio seguiu! Como cada um seguiu nas tarefas que lhe foram designadas.

Anotar os sucessos, progressos, confrontar fracassos, atitudes inglórias, valorizar o tempo disponível, checar os conteúdos, avaliar a aprendizagem, utilização dos conceitos.

Assegurar a si mesmo que nota atribui ao próprio desempenho. So-correr-se dos apoios institucionais, oferecer colaboração institucional ao perceber carências e necessidades. Assumir a própria tarefa como encar-go no desenvolvimento da missão da FEI. Desejar fazer parte, partilhar, participar com os próprios talentos, assumindo o serviço que oferece como a própria assinatura avalizando, selando sua articulação coerente. Rever o vivido, para crescer a expectativa do que será exercido a partir de agora.

A autoavaliação torna-se o propósito do progresso, do primoroso desempenho, da resposta que só cada pessoa pode dar, porque a torna autora do que faz: adquire Autoridade.

Aprendizagem e ambiente virtual

A Comunidade do Centro Universitário FEI fez a passagem para o ambiente virtual de aprendizagem sob a liderança do Reitor Gustavo, da equipe da Reitoria, Vice-reitores Dário e Flávio e dos Coordenadores de Cursos e Chefes de Departamento.

A comunidade foi apoiada, incentivada, motivada, mantida informada com as comunicações frequentes através de comunicados-lives do Reitor, especialmente dirigidas aos docentes e aos discentes.

Consultando os membros do CE-PEX e os representantes de comissões de Formatura, o Reitor Gustavo presidiu as primeiras refeições de grau virtuais.

Ao longo do semestre, a construção elaborada em consenso com as exigências legais, as devidas comprovações foram apresentadas, permitiu a validade do processo concebido em vista do pleno desenvolvimento em ambiente virtual do semestre, oficializando a sua conclusão para os discentes e pelos docentes.

Algumas atividades presenciais poderão vir a ser desenvolvidas, conforme previsão acadêmica, atendendo



demanda curricular, além de docente e discente optativa.

A Comunidade cresceu nesta experiência, tornando-se qualificada para dar andamento aos progressos pedagógicos, que já vinham sendo ensaiados e introduzidos nas orientações de múltiplas temáticas das Semanas de Qualidade anteriores.

Momento de reconhecer e agradecer os talentos, que se tornaram ainda mais disponíveis na construção da FEI, ante os desafios das Megatendências 2050, que vêm sendo analisados nos Congressos de Inovação.

O caminho aberto para ser transitado pela comunidade, visando a qualidade aprimorada continuamente, está sendo bem sinalizado.

Almejo a adesão de todos os participantes da missão para ajudar a juventude a configurar a própria formação ininterruptamente.

Novos caminhos

O novo semestre chegou. Descobrimos que precisamos progredir nos passos já dados. Ainda aguardamos os retornos presenciais enquanto somos remetidos ao AVA desde o início.



istockphoto.com/valentinussanov

Não saímos do zero. Já avançamos na estrada, no oceano virtual no qual fomos imersos, nele já nos movemos com mais controle, desejamos aperfeiçoar a rota, firmar os objetivos, motivar o aprendizado, o envolvimento na pesquisa, nos trabalhos acadêmicos, desejamos partir sabendo onde chegar.

É o momento de traçar bem a rota, ajustar os parâmetros necessários. A aula virtual não é a leitura da presencial. O estudante precisa ser estimulado e acompanhado. Precisa participar, manter o interesse vivo.

Ao professor compete liderar o processo, ajudar cada um a construir o próprio conhecimento. Queremos que a pandemia cesse, que se descubra a maneira de imunizar toda a sociedade.

Mas somos chamados a dar conta do recado que nos é confiado.

Não somos náufragos da vida à deriva, queremos induzir todos a, com poucos recursos e muita imaginação, solucionar o que está ao alcance.

"Não basta sentar à porta e aguardar que se abra. Não é possível deixar de desenvolver-se, realizar-se porque as condições ideais não estão disponíveis."

Desejamos retornar às boas convivências o quanto antes. São necessárias, é o espírito de colaboração aprimorando os debates e fomentando novos argumentos ou abordagens.

Estamos a caminho. Tornamo-nos peregrinos, visamos uma chegada, mas pode haver contratempos que nos façam embarcar para descobrir outra novidade. No mundo nada é definitivo, é necessário a capacidade de adaptação, de manutenção do rumo a seguir, de apoiar quem necessita para também prosseguir.

Com o mesmo objetivo

Uma comunidade se consolida na ação e na verbalização do pensamento, da descoberta, da solução, da participação e comunhão. Que a fortaleza de cada um supra a fragilidade de cada um.

Inácio, olhando o rio Cardoner que fluía, deixou de ver o rio e viu como tudo procedia de Deus como da sua origem. De Deus tudo fluía e bem. Os dons de Deus suportam toda a natureza criada, todos os seres, a vida.

Que possamos também convergir com Inácio nos acenando: podem vir comigo, eu passei por hesitações, dificuldades, não desisti. Deus não abandona ninguém. Dele procede todo o bem.

No evangelho segundo Mateus, apresenta-se a Jesus uma mulher cananeia que grita pedindo piedade porque a filha está muito atormentada.

Jesus nem liga, mas ela se joga aos seus pés e começa a implorar: "Senhor, socorre-me!"

Jesus lhe disse: "Mulher grande é a tua fé! Seja feito como tu queres!" Desde aquele momento sua filha ficou curada (Mt 15,21-28), demonstrando a necessidade de persistir até conseguir realizar o que realmente importa.

No caso da mulher, o alívio do sofrimento da filha. Na situação de cada pessoa torna-se evidente que é preciso buscar a realização do próprio projeto de vida, aplicando toda sua energia e criatividade.

Inácio sugere que se peça ao Senhor o que se deseja verdadeiramente.

Pedro, em sua carta, escreveu que não foi seguindo fábulas que os apóstolos anunciaram Jesus Cristo, mas "por terem sido testemunhas oculares da sua majestade, no alto do monte onde se fez ouvir a voz: Este é o meu filho bem-amado, no qual ponho o meu querer" (2Pe 1,16-18).

E Mateus narra: "Jesus os levou a um lugar à parte, sobre uma alta mon-

tanha. E foi transfigurado diante deles; seu rosto brilhou como o sol e suas roupas ficaram brancas como a luz" (Mt 17,1-2).

A cena foi tão forte, gravou-se em sua memória, que se tornou referência em sua pregação. Deus se manifestou visível em Jesus Cristo, audível creditando Jesus como Filho transmitindo a sua mensagem.

Para Pedro, Jesus é Deus, porque nele Deus habitou entre nós.

Pedro e os apóstolos foram chamados por Jesus para o seguirem e se tornaram testemunhos de tudo o que dissera e realizara até à morte de cruz, a ressurreição e o retorno para junto de Deus. A experiência deles com Jesus lhes deu a autoridade de quem conviveu: ouviram, viram, tocaram e por Ele foram ouvidos, vistos, tocados.

Foi porque Deus nos encontrou, nós encontramos Deus. Seu nome, Jesus. Sua palavra, Vida de Deus em nós. Deus vive em nós! Nós vivemos para Ele! Pela realidade, não pela fantástica fábula inventada pelos homens, razão pela qual puderam dar a vida, pela vida que receberam de Jesus.

A experiência dos apóstolos Inácio quis experimentar, desejoso de exceder os feitos apostólicos com

seu talante, brio e generosidade. Em Manresa, usou o tempo aguardando a manifestação do Senhor. Sua experiência foi tão forte, sua paz tão consoladora que o acompanhou em todas as venturas e desventuras que viveu. Testemunha que Deus foi propício ao seu desejo. Que Deus veio ao encontro de sua expectativa. Que Deus acolheu sua vontade de fazer o bem a todas as pessoas, assim glorificando-o em sua vida e após sua morte.

Concluindo

Inácio nos fala, nos inspira, nos convida a ouvirmos a voz de Deus latente em nós.

Esta energia nos é dada para que também a mediemos em todos os ambientes, com todas as pessoas que nos são confiadas pela graça do Senhor.

Seguramente, o Reitor Gustavo apresentará a programação desta Semana de Qualidade Virtual visando oferecer subsídios para fortalecer ainda mais os trabalhos neste semestre.

Apresento as boas-vindas a todos no retorno ao nosso trabalho, ao nosso serviço qualificado para a missão de ajudar a formar a juventude.

Bom semestre! Realizações! □

MOMENTOS DE OTIMISMO E ESPERANÇA

Encerramento da Semana de Qualidade
no Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro
Universitário FEI – 7 de agosto de 2020.

Participantes da Comunidade Universitária da FEI:

Desejo manifestar a minha alegria ao me dirigir a todos após três dias de participação virtual na programação proposta. Foi um trabalho intenso e agradeço muito poder participar e testemunhar a qualidade do que foi vivido, em partilha e comunhão na missão que nos foi confiada.

Nossa missão promana diretamente da fonte do próprio Deus, que nos inspira sua vontade para o nosso bem e realização.

A seguir, a missão passa pela mediação do papa atual, Francisco, que nos confirma no bem a ser promovido, delegando ao superior geral da Companhia de Jesus o cuidado pela atenção a ser dada às Preferências Apostólicas Universais, elegidas para o próximo decênio, formuladas após consulta a todas as instituições da Companhia de Jesus a fim de oferecerem suas reflexões.

A FEI, através de representação bem coordenada, participou e se sentiu contemplada na redação final do documento.



Santo Inácio de Loyola

Para esta missão, recebemos e oferecemos a delegação para que possa ser multiplicada em todas as instâncias, a partir da reitoria, das coordenações de curso, chefias de departamento, aos professores, pesquisadores, técnicos, estudantes.

Na abertura, desejei expressar a articulação entre a espiritualidade de Inácio de Loyola e a aderência acadêmica.

Cada pessoa busca interlocutores, como Inácio também o fez quando estava enfermo convalescente. Interlocutores externos, as pessoas do entorno, presenciais ou virtuais.

Inácio lembrava-se de suas venturas, duelos, lutas, ambientes das cortes. Impedido pelos limites do solar paterno, fantasiava, recordando, traçando planos para a retomada. Nas leituras, os feitos e seus autores embarralhavam-se com seus desejos de que os poderia superar tranquilamente, quando falava com seus botões.

Inácio foi percebendo um interlocutor diferente, o próprio Deus que o inspirava e sugeria boas disposições.

Jesus, no Evangelho de Mateus (8,26), cita uma situação limite na qual, em território pagão, Gerasa, havia uma

pessoa indomável, a pessoa não se controlava, as pessoas próximas, também. Atirava-se no fogo, feria-se nas pedras. Impossível imobilizá-la. Sua força descomunal rompia correntes, grilhões. Fazia mal a si mesma. Tinha à morte.

Jesus a interroga perguntando o que a habitava, por quem era dominada.

A resposta foi: meu nome é Legionário! Jesus ordena que saia da pessoa.

O espírito suplica para não ser expulso da região, mas que Jesus consentisse que dominasse os porcos que eram pastoreados. Ao serem possuídos, os 2.000 animais atiraram-se ao mar e se afogaram.

Radicalmente, o evangelista narra o perigo da pessoa ser comandada por um interlocutor que pode levar à morte.

Discernir os espíritos que influenciam a pessoa é um processo que Inácio viveu, descobrindo dia a dia, refletindo, narrando, legando à humanidade.

Inácio nos inspira confiança, nos aconselha prudência, nos envolve na ousadia da coragem de buscar boas

realizações, a aplicar todo nosso potencial em fazer bem o Bem, promover, irradiar, testemunhar.

Inácio é insaciável! Não se contenta com o adquirido! Quer Mais, Maior, Melhor. Deus sempre Maior! *Ad Maiorem Dei gloriam!* Em tudo amar e servir! Frases candentes em sua vida e orientação.

Nossa missão se desenvolve na área das ciências fortes que aqui desfilaram com os estandartes dos Pilares estruturantes, das Áreas Estratégicas e das Competências.

Inácio sugeria levar a vida terrena para a vida em plenitude. O corporal, físico, para o espiritual, eterno.

Inácio considerava que a enfermidade, a própria morte, não era um dom menor do que a saúde.

Francisco de Assis a chamava a irmã morte.

É o contraste da realidade terrestre conhecida e o horizonte da fé conduzindo ao desconhecido não experimentado.

Deixar o considerado seguro, porque conhecido, e lançar-se, abraçando o esperado em decorrência de



istockphoto.com/FS-Stock

acreditar, inspirado pela fé no Ressuscitado dentre os mortos.

Saúdo e felicito o reitor Gustavo, os vice-reitores Dário e Flávio, os chefes de departamento e coordenadores de cursos e, através deles, a toda a comunidade de docentes, pesquisadores, técnicos administrativos, estudantes, funcionários pela realização desta Semana de Qualidade virtual.

Desejo a todos expressar o otimismo da esperança, animar ao altruísmo as competências mencionadas envolvendo estudantes e professores.

O estudante está formando-se, o professor apoiando a formação do estudante, ambos estão caminhando, seguindo em frente, não podem estacionar na estrada do conhecimento. No mesmo processo, interagindo, formam o próximo, se formam formando o próximo.

O conhecimento não aceita aposentadoria. Convida ao envolvimento, à transformação, à inovação.

A FEI vive, transmite, transborda vida. Sua missão é ensinar a viver em qualquer situação na qual estejam envolvidos. Muito grato pela atenção, pelo desafio, pela resposta afirmativa na participação e na comunhão, realizando a missão da FEI a partir da própria especialização profissional. □

ACOLHIDA 2020 E MENSAGEM DE POSSE DA NOVA REITORIA

Celebração da Posse da nova Reitoria e Abertura da Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro Universitário FEI – 3 de fevereiro de 2020

Bom dia a todos os colaboradores, alunos e convidados participantes da Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão referente ao 1º semestre de 2020 do Centro Universitário FEI.

Agradecendo a presença de todos, gostaria de iniciar minha fala contextualizando o momento que vivemos na data de hoje. Tivemos, em 7 de janeiro, uma pequena cerimônia formal de posse da nova Reitoria, mas é na celebração desta manhã que tenho o prazer de poder dialogar mais proximamente com a nossa comunidade amplamente representada. Trata-se de um momento de renovação de nossa inspiração e esperança, certos de que atuamos todos por uma missão compartilhada, extremamente nobre e que emprega o conhecimento para a transformação do futuro visando o bem-comum.



Minhas primeiras manifestações, nesse sentido, são de gratidão, a saber:

- Pela presença de todos, que fazem da FEI uma referência, pois é juntos, como aqui hoje, que seguiremos fortes e em comunidade!
- Aos professores Fábio do Prado, Marcelo Pavanello e Rivana Marino, pelo legado, acolhimento e transição harmoniosa.
- À Fundação Educacional Inaciana Pe. Saboia de Medeiros, me dirigindo a todas as autoridades presentes, pela confiança depositada na nova governança.

Prof. Dr. Gustavo Donato
Reitor do Centro Universitário FEI

- A todos os meus professores, muitos desta casa e aqui presentes, mas também àqueles mestres que não proferiram a mim aulas formais, mas que me ensinam a cada dia no “curso” do bom convívio destes quase 12 anos de docência na FEI. Sigamos assim, aprendendo humildemente uns com os outros.
- E a todos os meus colegas e amigos da FEI, dos docentes e colaboradores aos parceiros e alunos, que colocam propósito em nosso trabalho, sorrisos em nossos lábios e brilho nos nossos olhos.

A FEI é isso, muito mais que qualquer empreendimento que oferece produtos ou serviços. É, sim, um local em que colocamos nossas vidas em missão. Obrigado a todos pelo que somos e pelo que ainda seremos. Não irei desapatá-los.

Falando agora sobre 2020 e o novo ciclo que se inicia

Fico muito feliz por estarmos reunidos para o início de um novo ciclo, certamente muito profícuo, na belíssima trajetória sendo impressa pela FEI nos anais da história ao longo destas quase oito décadas gerando conhecimento, desenvolvendo tecnologia

e fortalecendo nossa sociedade por meio da preparação dos jovens, dos profissionais e, centralmente, de pessoas de excelência. Seguiremos perseguindo o melhor, e recorro a trechos de nossa missão para explicitar quão nobre é essa obra, em suas características comunitárias, confessionais e de inspiração jesuíta: nossa missão envolve “...**proporcionar conhecimento...por todos os meios necessários, visando à construção de uma sociedade desenvolvida, humana e justa**”. Nesse contexto, faço questão de repetir, diante de todos que aqui estão, o juramento que proferi na cerimônia oficial de posse realizada em 7 de janeiro de 2020.

“Prometo, no exercício do cargo de Reitor do Centro Universitário FEI, ser fiel às leis vigentes, cumprir e fazer cumprir o Estatuto da Fundação Educacional Inaciana Pe. Saboia de Medeiros, o Estatuto e o Regimento Geral do Centro Universitário FEI, dentro dos princípios da Pedagogia Inaciana que fundamentam no mundo a ação educacional da Companhia de Jesus.”

Eis o meu mais sincero compromisso, olhando nos olhos de todos. E, como fruto desta casa, não poderiam ser maiores meus sentidos de pertencimento e, principalmente, de responsabilidade e obrigação. Não transigirei na busca pela qualidade, na guarda de nossa imagem, e estejam certos de

minha incansável dedicação, transparência, profissionalismo e união pelo sucesso de todos nós e da FEI.

Mas nada se conquista sozinho

Agradeço e conto, especialmente, com a energia e engajamento dos novos vice-reitores que assumem junto a mim suas novas atribuições. Obrigado prof. Dr. Dário Henrique Alliprandini, por aceitar perseguir a excelência no ensino e na pesquisa à frente da Vice-reitoria de Ensino e Pesquisa - VREP. Obrigado prof. Dr. Flávio Tonidandel, por aceitar perseguir o aprimoramento das ações de extensão, de atividades comunitárias, de educação continuada e demais articulações com a sociedade à frente da Vice-reitoria de Extensão e Atividades Comunitárias. Já estamos trabalhando em nossa equipe de reitoria como verdadeiros pares, nos assessorando e cuidando mutuamente para as melhores entregas. Humildemente aprenderemos a cada dia para que possamos dar o nosso melhor. Igualmente conto com o empenho de todas as nossas lideranças, setores, colaboradores e alunos. Por favor, nos apoiem, estimulem e demandem! E para simbolizar este compromisso conjunto, inspirado por um raciocínio recente de nosso presidente, Padre Theodoro Peters, S.J., manifesto um pedido à nossa comunidade universitária:

“Não basta verbalizarmos e propagarmos o nome de nossa marca, temos de vivê-la, em seus valores, em suas entregas, em sua missão. Saímos fortalecidos a cada experimentação que envolve a nossa obra. Estou certo de que todos isso sentimos ao recebermos, em nosso ambiente, um bom dia acompanhado de um sorriso, um agradecimento de um jovem que nos procura para contar como mudamos sua vida, ou a consulta de outro que nos procura pois precisa de um norte, seja ele profissional ou pessoal. Isto é formação integral, que está no cerne de uma instituição confessional, jesuíta, de inspiração inaciana. É o que peço que cultivemos, por uma instituição melhor, uma sociedade melhor e um país melhor.”

Porque é necessário repensarmos contínua e criticamente a FEI?

Vivemos uma ressignificação da educação superior e do papel da universidade em nível global. Vivemos um estonteante aumento das velocidades e das disrupções, o que altera os paradigmas da educação e faz das visões de futuro, do lifelong learning e da adaptabilidade com capacidade de aprender a aprender (senão, por vezes, aprender a desaprender) os mais valiosos recursos para o protagonismo de longo prazo. Vivemos uma era de digitalização e virtualidade que altera percepções, modos de interação em escala global e que maximiza expectativas e eficiências, nos levando do apelo do conteudismo focal para a necessidade de desenvolvimento de competências multidimensionais em ambientes de autonomia, criatividade e destacada experiência. Vivemos uma ampliação de oferta e uma comoditização que exige de nós clareza nas “saliências” que nos diferenciam como instituição de excelência, que preza pela formação integral, técnica e humana de elevada qualidade.

Como buscaremos a referida excelência?

- Acessíveis sempre, com união, respeito e transparência, buscando os melhores referenciais em termos de recursos, métodos, gestão, processos e pessoas, a exemplo da própria sistemática empregada para escolha dos vice-reitores, que contou com as metodologias de dois assessments reconhecidos no mercado e que permitiram a identificação da complementariedade de nossas competências e perfis.



Prof. Dr. Dário Henrique Alliprandini, Vice-reitor de Ensino e Pesquisa; Prof. Dr. Gustavo Donato, Reitor; Prof. Dr. Flavio Tonidandel, Vice-reitor de Extensão e Atividades Comunitárias.

- Com meritocracia, avaliando todos de forma clara, acompanhando, desenvolvendo e apoiando cada um.
- Prezando pela qualidade e pelo esmero em tudo que desenvolvemos e entregamos à sociedade.
- Articulando sustentação e ruptura, com a manutenção e ampliação de nossos serviços e atenções de modo a atender as demandas do hoje e as megatendências do amanhã.
- E lembrando dos dizeres do Padre Roberto Saboia de Medeiros, S.J.: *“O que falta me atormenta...”*. Precisamos que aquilo que falta atormente a todos, para que a FEI dê os novos saltos que merece!

O que perseguiremos?

- Mudança cultural e foco na excelência de nossas atividades tanto de gestão como acadêmicas, visando a melhoria da experiência de todos, tanto internos como externos à comunidade;
- Acolhimento e estímulo aos alunos, em seu desenvolvimento pessoal, profissional e em todos os aspectos de sua vida universitária;

- Transformação digital, que envolva pessoas, processos e recursos, em busca de uma estrutura mais leve, ágil e eficiente, para que tenhamos sempre os melhores serviços;
- Ampliação de nossas ofertas à sociedade em todos nossos segmentos de atuação;
- Reflexão, no que se mostrar necessário, sobre nosso modelo de estrutura organizacional do Centro Universitário;
- Atenção às pessoas, feedback e zelo pelo seu desenvolvimento;
- Internacionalização fortalecida;
- Priorização de investimentos em áreas estratégicas à instituição e ao país, especialmente no que se refere a laboratórios, cursos, recursos e profissionais – os recentes incentivos às pesquisas voltadas à eletromobilidade e economia do hidrogênio, por exemplo, com o fortalecimento da equipe AICHE e a vinda, em janeiro de 2020, de um novo pesquisador da área para o Programa de Pós-Graduação da Engenharia Química.

O que precisamos que reflitam, a exemplo das perguntas expostas na entrada do auditório?

Propósito! Missão! Visão! Atenção aos detalhes para encantar e solidamente formar! Um olhar para a frente que transporte nosso jovem e o nosso próximo! Um sorriso que inspire! Um sim que incentive! Uma pergunta que provoque! Uma resposta que norteie! Uma surpresa que inquiete! É compromisso! É pertença! Queremos preparar aqueles que impactarão o amanhã de todos!

Antes de terminar, quero compartilhar algumas reflexões do papa Francisco presentes em seu livro Sabedoria das idades. Em dado momento da obra o pontífice nos apresenta o seguinte:

“Hoje, os jovens precisam dos sonhos dos idosos (nós) para terem esperança num futuro. Os mais velhos e os jovens avançam juntos e precisam uns dos outros.”

E segue se dirigindo especificamente ao jovem:

“Peço-lhes que não se retirem para uma tranquila existência comum que os prende a projetos sem esperança e sem heroísmo. Peço-lhes que olhem para as estrelas. Peço-lhes que sonhem com um mundo melhor e deixem

esse sonho inspirá-los e enchê-los de energia."

E finaliza: ***"Eis o meu desejo: um mundo que viva uma nova aliança de jovens e idosos."***

Para mim, eis o significado de sermos, cada um de nós e entendidos como mais experientes, cada vez mais mentores, curadores do saber e da descoberta de nossos jovens, como também lembra o papa, trazendo uma passagem de Joel 3,1: ***"Vossos anciãos terão sonhos e vossos jovens verão visões."***

Sonhemos e, com uma formação muito sólida, exigente e acolhedora,

geremos conhecimento, tecnologia e preparemos visionários inspirados que liderem e transformem a construção do amanhã! Alinhados às demandas das grandes tendências! Pela qualidade de vida! E pela melhoria da condição humana!

Entendam. Trata-se de ir dos porquês aos quês! Ou seja, ressignificar o nosso realizar! Crescer os limites do possível! Pelo amanhã! Pela vida! Isso é FEI!

Que Deus nos ilumine na caminhada que nos é confiada a partir desse momento, e que pessoalmente me empregue como seu melhor elemento de guarda e condução dessa tão no-

bre missão que é a nossa amada FEI.

Nesse sentido, peço a todos: cuidemos e torçamos uns pelos outros. E cada um de nós, inspirados pela orientação jesuíta e inaciana, nos ensinemos e, principalmente como comunidade, não nos deixemos errar! Juntos estamos, e é ainda mais unidos que nos fortaleceremos!

Estarei reitor por um período, representando-lhes incansavelmente, mas, pelo próprio título que essa casa me outorgou há 16 anos, serei FELano para sempre!

Obrigado a todos, e que tenhamos um inspirador e abençoado 2020. □



Alunos, ex-alunos, Reitor e Vice-reitores da FEI.

UM 2020 DE UNIÃO, SERVIÇO E ESPERANÇA

Texto inspirado nos desafios, lições aprendidas e balanço de atividades do ano de 2020.

O ano de 2020 foi, sem qualquer sombra de dúvidas, um ano de extremos – desafios, aprendizados, reinvenções. Iniciamos o primeiro semestre letivo discutindo, na Semana da Qualidade de 3 a 5 de fevereiro de 2020, onde estávamos como instituição de ensino superior e para onde desejávamos ir em termos de comunidade, vida universitária, ensino, pesquisa, extensão, inovação, internacionalização e articulação com a sociedade. Especialmente, no dia 4 de fevereiro,

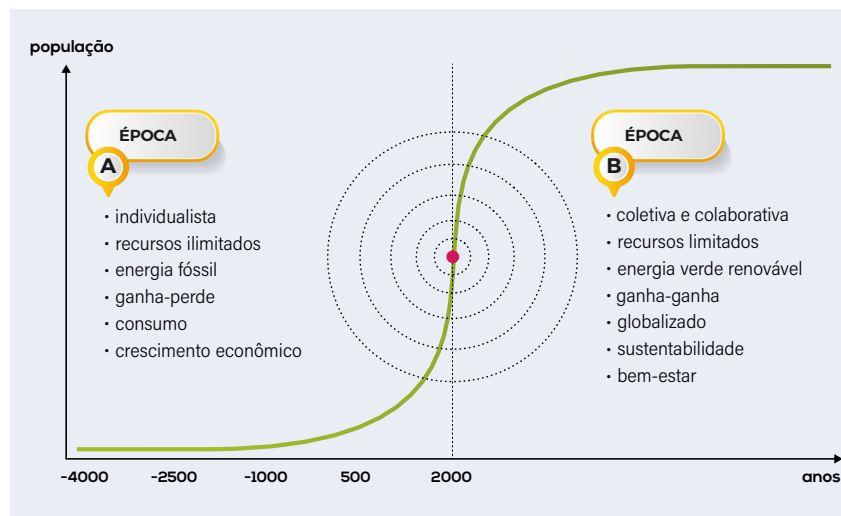
discutíamos o momento de exponencialidades, transformações tecnológicas, sociais e econômicas, ao mesmo tempo em que refletíamos a missão e a visão de futuro de nossa obra à luz dos novos paradigmas da educação. Entre diálogos de variadas naturezas, que tangenciavam de metodologias de ensino-aprendizagem a práticas de governança e megatendências 2050, reservou-se um tempo para discutir nosso futuro como humanidade.



A audiência foi provocada pela apresentação de um breve recorte da obra dos doutores Jonas Salk e Jonathan Salk, na qual discutem a evolução humana para um futuro sustentável. Trata-se de livro de 2018, e que foi trazido à audiência pois preconiza que, como humanidade, vivemos na presente década um importante momento de inflexão, que divide, segundo os autores, as épocas "A" (individualista, de recursos ilimitados e crescimento desenfreado) e "B" (colaborativa, com recursos limitados, sustentável e volta da ao bem-estar).

A figura a seguir foi usada no debate e representa uma curva sigmoidal que reflete e prospecta (com base no comportamento assintótico de sistemas biológicos, discutidos no livro) o crescimento populacional ao longo de milhares de anos, objetivando a seguinte reflexão: a distância entre estar com os pés na época A ou B pode ser mínima, mas faz total diferença na mentalidade de cada um de nós para enfrentar os desafios do amanhã – estar na época B é saber se adaptar e conviver com as velocidades e exponencialidades tecnológicas, ao mesmo tempo buscando novos equilíbrios como indivíduos em um contexto ganha-ganha, global, sustentável e de cuidado mútuo para o bem comum.

Coincidências à parte, revelo o nome do livro: A new reality! Pois bem,



em menos de um mês, experimentaríamos a proliferação de proporções inimagináveis da pandemia de Covid-19 e o mundo todo passaria a discutir "o novo normal"! Estabeleceram-se os sentidos de urgência, cuidado, responsabilidades, racionalizações, combinados ao distanciamento social que ressignificou prioridades, valores, meios de interação/trabalho/estudo e, principalmente, as saudades.

A comunidade FEI se mobilizou e deu as devidas respostas. O mês de fevereiro de 2020, embora ainda não se tivesse clareza das proporções da disseminação do vírus, foi de conscientização nos *campi* e redes sociais, com ampla divulgação de recomendações de higiene e prevenção da Covid-19.

No início de março, com o aumento do número de infectados no Brasil, foram iniciadas reuniões do que viria a ser denominado Comitê de acompanhamento da Covid-19, incluindo profissionais da área médica, de segurança do trabalho, além de representantes da Comunicação, Superintendência, Recursos Humanos e da Reitoria. Planos de contingência iniciais foram elaborados e, na esfera acadêmica, deixavam claro que exigências de distanciamento social poderiam requerer uma migração ao ambiente virtual a qualquer momento; os departamentos de ensino foram informados e foi solicitado que preparassem suas equipes para tal eventualidade, caso necessário. No dia 11 de março a OMS classificaria o coronavírus como uma pandemia.

Dias depois, concluiríamos, no sábado 14 de março, a última semana de aulas presenciais em nossos *campi*, iniciando a segunda-feira 16 de março com as atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA FEI, lastreadas por diretrizes preliminares que demandavam os docentes e alunos sobre o mínimo necessário a cumprir naquele momento, garantindo a flexibilidade do instrumental a aplicar para que a transição se mostrasse viável. Se mobilizaram e desdobraram professores, colaboradores, equipes técnicas e os alunos para que o ensino pudesse ter sequência com todos em segurança em suas casas; o ambiente virtual Moodle se tornou o ecossistema central de nosso “convívio universitário”, complementado pelas mais variadas ferramentas de comunicação de domínio dos variados docentes e departamentos (Webex, Zoom, WhatsApp, Teams, entre outras). As preocupações centrais envolviam:

1) o apoio aos docentes e a elaboração de diretrizes definitivas que estabelecessem orientações claras e completas a professores e alunos;

2) e se aquele modo de ensino e operação estava atingindo e dando acesso a todos.

A resposta à segunda preocupação foi mais fácil: ao final da primeira semana, o tratamento dos dados crus

de acesso da plataforma Moodle indicava que mais de 99% da comunidade FEI estava acessando o sistema, o que se manteve e garantiu que a totalidade dos envolvidos com as atividades de ensino-aprendizagem estivessem conectados. A resposta à primeira preocupação contou, ao final da primeira semana de AVA, com uma consulta digital ao corpo docente sobre quais ferramentas vinham usando, os sucessos e insucessos, além de orientações que pudessem aprimorar os processos. Puderam então ser emitidas diretrizes completas, com as boas práticas recomendadas e construídas pela garra e dedicação de todos – quantos foram os testes, validações, aprendizados, partilhas e ajudas no grupo de whatsapp “AVA-FEI”.

Paralelamente à entrada em regime das operações e ferramentas selecionadas, a migração do sistema Moodle para a nuvem, logo na segunda semana de operação em AVA, permitiu eliminar os problemas causados pela “escalada” de acessos aos sistemas e, no dia 25 de março de 2020, as queixas de lentidão ou problemas de acesso iriam a zero. Estávamos todos fora da zona de conforto, trabalhando muito e nos adaptando, mas o ensino seguia e a comunidade estava amparada por sistemas mais robustos e diretrizes claras. Não há como expressar textualmente o nível de empenho dos envolvidos e o nível de agradecimento

que devemos manifestar às equipes de professores, lideranças, colaboradores, comunicação, secretaria, coordenação departamental, CGI, Mantenedora e todos os demais setores que permitiram que o Centro Universitário perseverasse em sua missão.

A comunicação com a comunidade se mostrava essencial em momento de tamanha adaptação e incerteza. Dado o dimensional do alunado, a Reitoria passou a se comunicar com os estudantes e famílias por meio dos informes semanais em vídeo, buscando garantir abertura ao diálogo e transparência – em cada informe, buscava-se responder às perguntas recebidas na semana e passar à comunidade as informações necessárias. Isso mostrou-se acertado e os antes centenas de contatos telefônicos e por e-mail restringiram-se aos casos realmente excepcionais. Via departamentos de ensino, as informações administrativas e acadêmico-operacionais eram percoladas para equipes de apoio e docentes, que responderam à altura. Lives com os alunos, professores e, mais adiante no ano, colaboradores, auxiliariam com o necessário diálogo entre os membros da comunidade FEI dentro das condições de contorno expostas – mas a falta do convívio, das articulações próximas e a saudade se acentuavam.

Os professores tinham a liberdade de realizar suas aulas ao vivo. Síncronas,

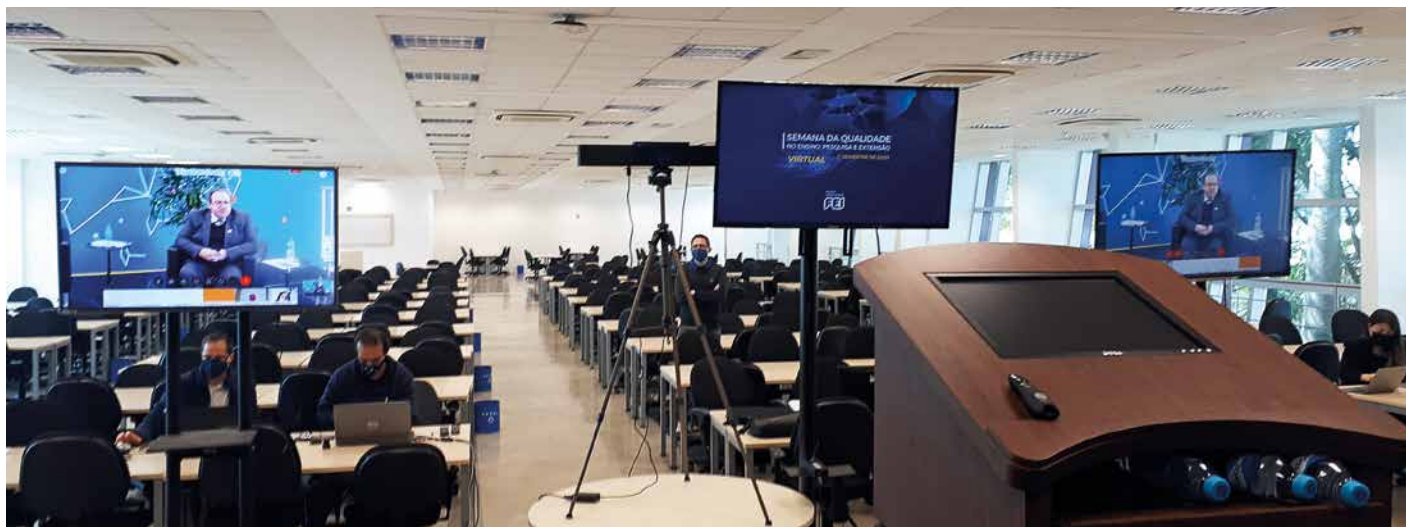
disponibilizando também a gravação, ou de forma assíncrona, por meio da postagem da aula gravada e plantões de dúvidas agendados; a disponibilização das gravações era essencial, em atenção aos alunos que ainda enfrentavam algumas dificuldades de conexão ou hardware – a sistemática buscava seu equilíbrio. A preocupação que se avizinhava naquele momento era sobre a garantia da qualidade do ensino. A CPA já estava mobilizada e, passados quinze dias da migração ao AVA, pôde aplicar pesquisa breve e adaptada às circunstâncias – os resultados indicavam 81% de apreciações positivas, sendo 61% de ótimo e bom, o que se mostrava apropriado para o momento. As avaliações foram repeti-

das periodicamente e tais indicadores aumentariam mais de 10 pontos percentuais até o fechamento do primeiro semestre de 2020.

No mês de abril de 2020, uma preocupação latente dizia respeito às dificuldades financeiras enfrentadas por alguns estudantes e famílias, impactados pelas circunstâncias da pandemia. A Mantenedora, articulada com a Reitoria, constituiu um Comitê de Análise para apreciar caso a caso as situações das famílias e alunos que procurassem ajuda – foram várias centenas de casos avaliados em suas particularidades pelo jurídico, financeiro e Presidência, recebendo o apoio pertinente; é digno de registro o agradeci-

mento ao Centro Universitário, uma vez que, além de apoiar os estudantes, a abordagem mais à frente se mostraria acertada perante as recomendações da Justiça, do Procon, do Semesp, entre inúmeras outras entidades.

Os departamentos acadêmicos e cursos também trabalharam diligentemente na adaptação e virtualização das avaliações e das , assim como na adaptação e virtualização das atividades de laboratórios para que os objetivos de aprendizagem não fossem comprometidos ou tivessem minimizados os impactos da operação em AVA. Embora os *campi* operassem com portas fechadas e com contingente mínimo presencial, o apoio dos Centros de



Bastidores da Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão, realizada de forma online.

Laboratórios foi valioso para a gravação de experimentos, coletas de dados e transmissão de testes – ainda assim, os alunos foram informados que, passada a pandemia, poderão visitar os laboratórios e vivenciar os experimentos estudados.

É também digno de nota o empenho das equipes de informática, lideradas pela CGI e que por vezes contaram com o apoio do departamento de Ciência da Computação e outras lideranças. O acesso de estudantes e professores a todos os recursos do Centro Universitário via VPN e a configuração de laboratórios de informática virtuais usando o Cisco Webex (o que, inclusive, receberia posteriormente um destaque da empresa fornecedora pelo pioneirismo), por meio dos quais turmas podiam interagir, realizar simulações e suas aulas, foram mais algumas demonstrações da capacidade de uma comunidade unida, comprometida com serviços de qualidade e que cresceu muito frente às adversidades.

A passagem para o segundo semestre, também integralmente virtual, manteve os aprendizados do primeiro semestre e trouxe aprimoramentos às metodologias após um mês de julho de muito trabalho, a saber:

- Atualização e adequação de toda a plataforma Moodle e sua integração com o Webex;

- Aulas realizadas de maneira síncrona, no horário de cada turma, para incentivo à interação e organização;
- Diários de classe digitalizados e acessíveis aos professores;
- Sistema de presença e feedback das aulas via aplicativo, em tempo real, para que os professores (especialmente os recém contratados em agosto de 2020 e que não teriam oportunidade de encontrar os estudantes presencialmente) pudessem receber comentários e avaliações, evidenciando e sanando prontamente eventuais dificuldades enfrentadas pelas turmas;
- Embora o processo seletivo de ingresso de meio de ano tenha se baseado na nota do ENEM, o de verão foi realizado em dezembro de maneira virtual, empregando recursos inovadores de inteligência artificial, fiscalização remota e proctoring – o que exigiu muito trabalho e planejamento de todos, mas foi realizado com sucesso. Igualmente, trabalhos de conclusão de cursos, bancas e mesmo as colações de grau oficiais foram cumpridos lançando mão dos recursos virtuais e objetivando minimizar os impactos danosos às trajetórias de cada um de nossos estudantes.

Concluiríamos 2020 com 93% de apreciações positivas dos estudantes em relação às aulas e seus professores, sendo 82% de ótimo e bom – uma prova do reconhecimento pelo empenho da comunidade – entretanto, também deixando claro, na ampla maioria, seu desejo pelo breve retorno de nosso convívio presencial.

Um 2020 extremamente desafiador, no qual nos desinstalamos, perdemos entes ou amigos queridos (incluindo os grandes mestres homenageados na seção “Na luz da eternidade”, que passam a figurar em nossas especiais lembranças), buscamos nos reinventar e zelar pelo bem de todos e de seus caminhos. Mas um ano em que a comunidade do Centro Universitário mostrou do que é capaz, cumprindo os devidos ciclos de ensino-aprendizagem, mantendo uma instituição pujante e, atendida toda a regulação específica, provando que está aqui em missão, para servir por meio da geração de conhecimento e formação de excelência.

Que possamos retomar a boa convivência o quanto antes, mas sigamos unidos perseguindo o norte vislumbado (pg. 26), recalibrado pelas oportunidades e aprendizados do ano que passou. Que 2021 seja, a exemplo de 2020 mas incluindo a energia de revigorantes abraços, mais um ano de união, superação, serviço e esperanças renovadas... □

AMOR EM TEMPO DE PANDEMIA

Mensagem feita na Audiência Geral, 9 de setembro de 2020, no Pátio São Dâmaso.

A mados irmãos e irmãs, bom dia!

A crise que estamos vivendo devido à pandemia atinge todos. Podemos sair dela melhores, se todos juntos procurarmos o bem comum; caso contrário, sairemos piores. Infelizmente, estamos assistindo o surgimento de interesses.

Há quem deseja apropriar-se de possíveis soluções, como no caso das vacinas, para vendê-las.

Alguns aproveitam-se da situação para fomentar divisões, para tirar vantagens econômicas ou políticas, gerando ou aumentando os conflitos.

Outros simplesmente não se importam com o sofrimento das pessoas, passam adiante e seguem o seu caminho (cf. Lc 10,30-32).

São os devotos de Pôncio Pilatos, lavam as mãos!



Papa Francisco



istockphoto.com/ Tuiye

A resposta cristã à pandemia e às consequentes crises socioeconômicas, baseia-se no amor, antes de tudo, no amor de Deus que sempre nos precede (cf. 1Jo 4, 19). Ele é quem nos ama primeiro, está sempre na frente no amor e nas soluções.

Ama-nos incondicionalmente, e quando aceitamos esse amor divino, podemos responder de forma semelhante.

Amo não só aqueles que me amam: a minha família, os meus amigos, o meu grupo, mas também aqueles que não me amam.

Amo inclusive os que não me conhecem, os que são estrangeiros, e até aqueles que me fazem sofrer ou que os considero inimigos (cf. Mt 5, 44).

Essa é a sabedoria cristã, é a atitude de Jesus.

"O ponto mais elevado da santidade é amar os inimigos. Não é fácil! Amar todos, inclusive os inimigos, é difícil - diria que é uma arte!"

Mas é uma arte que pode ser aprendida e melhorada.

O verdadeiro amor, que nos torna fecundos e livres, é sempre expansivo e inclusivo: cuida, cura e faz bem.

Muitas vezes, uma carícia é bem melhor que muita argumentação: um gesto de perdão e não muitas palavras de defesa.

Portanto, o amor não se limita às relações entre duas ou três pessoas, amigos ou família.

Vai além, inclui as relações cívicas e políticas (cf. Catecismo da Igreja Católica n. 1907-1912) e a relação com a natureza (*Laudato si'* n. 231).

Dado que somos seres sociais e políticos, uma das mais altas expressões de amor é precisamente o amor social e político.

É decisivo para o desenvolvimento humano e para enfrentar qualquer tipo de crise (*Laudato si'* n. 231).

Sabemos que o amor fecunda famílias e amizades. Mas, é bom lembrar, que também fecunda relações sociais, culturais, econômicas e políticas, permitindo-nos construir uma "civilização do amor", como gostava de dizer São Paulo VI (Mensagem para o X Dia Mundial da Paz, em 1 de Janeiro de 1977; AAS 68, 1976, p. 709).

Sem essa inspiração, prevalece a cultura do egoísmo, da indiferença, do descarte, ou seja, da rejeição daquilo de que eu não gosto, de quem não amo ou daqueles que, na minha opinião, são inúteis na sociedade.

Hoje, à entrada, um casal me disse: "reze por nós, porque temos um filho deficiente".

Perguntei: quantos anos tem? Muitos? E o que vocês fazem?

Responderam: "nós o acompanhamos, o ajudamos".

Uma vida inteira dos pais para aquele filho deficiente. Isto é amor!

Os inimigos, os adversários políticos, segundo a nossa opinião, pare-

cem ser deficientes políticos e sociais! Parecem. Só Deus é que sabe!

Devemos amá-los, devemos dialogar, devemos construir a civilização do amor, uma civilização política, social, de união de toda a humanidade.

Tudo isso é o oposto de guerras, divisões, invejas e até dos desentendimentos familiares.

"O amor inclusivo
é social, é familiar,
é político: o amor
permeia tudo!"

O coronavírus mostra-nos que o verdadeiro bem para cada um é o mesmo. É um bem comum, não só individual e vice-versa. (cf. CIC n. 1905-1906). Aquele que procura apenas o próprio bem é um egoísta. Como ao contrário, a pessoa é mais pessoa quando abre o próprio bem para todos, quando o partilha.

A saúde não é apenas individual, mas também um bem público. Uma sociedade saudável é aquela que cuida da saúde de todos.

Um vírus que não conhece barreiras, fronteiras, distinções culturais nem

políticas deve ser enfrentado com um amor igualmente sem barreiras, fronteiras nem distinções.

Este amor pode gerar estruturas sociais que nos encorajam a partilhar em vez de competir, que nos permitem incluir os mais vulneráveis, em vez de os descartar, e nos ajuda a expressar o que temos de melhor na nossa natureza humana e não o que é pior.

O verdadeiro amor não conhece a cultura do descarte, não sabe o que é isso.

De fato, quando amamos e geramos criatividade, quando despertamos confiança e solidariedade, emergem iniciativas concretas para o bem comum (cf. S. João Paulo II, *Sollicitudo rei socialis*, n. 38). Isso é verdade tanto em nível de pequenas e grandes comunidades como em nível internacional. Aquilo que se faz em família, no bairro, na aldeia, na grande cidade e internacionalmente é o mesmo: é a mesma semente que cresce e dá fruto.

Se você em família, no bairro, começar com a inveja, com brigas, no final haverá a "guerra".

Ao contrário, se começar, com o amor, partilhando amor, perdão, então haverá perdão e amor para todos.

"Se as soluções para a pandemia tiverem a marca do egoísmo das pessoas, empresas ou nações, talvez consigamos sair do coronavírus, mas certamente não da crise humana e social que o vírus evidenciou e acentuou."

Portanto, prestem atenção para não construir sobre a areia (cf. Mt 7, 21-27)!

Para construir uma sociedade saudável, inclusiva, justa e pacífica, temos que o fazer sobre a rocha do bem comum (Mt 7, 10). O bem comum é uma rocha. É a tarefa de todos nós, e não apenas de alguns especialistas.

São Tomás de Aquino disse que a promoção do bem comum é um dever de justiça que recai sobre todos os cidadãos. Cada cidadão é responsável pelo bem comum. E, para os cristãos, é também uma missão.

Como ensina Santo Inácio de Loyola, orientar os nossos esforços diários para o bem comum é uma forma de receber e difundir a glória de Deus.

Infelizmente, a política muitas vezes não goza de boa reputação! Sabemos porquê.

Não significa que todos os políticos são maus! Não pretendo dizer isso. Digo apenas que, infelizmente, a política, com frequência, não goza de boa fama.

Contudo, não nos devemos resignar a esta visão negativa, mas reagir demonstrando com fatos que uma boa política é possível, aliás, indispensável, é aquela que coloca no centro a pessoa humana e o bem comum (cf. Mensagem para o Dia Mundial da Paz 1 de Janeiro de 2019, em 8 de dezembro de 2018).

Se lerem a história da humanidade, encontrarão muitos políticos, santos, que percorreram esse caminho. É possível, na medida em que cada cidadão e, em particular, aqueles que assumem compromissos e encargos sociais e políticos, enraízem as suas ações em princípios éticos e as animem com amor social e político.

Os cristãos, especialmente os leigos, são chamados a dar bom testemunho. Podem fazê-lo através da virtude da caridade, cultivando a sua intrínseca dimensão social.

Por conseguinte, chegou o momento de incrementar o nosso amor social – desejo frisar isto: o nosso amor social – com a contribuição de todos, a começar pela nossa pequenez. O bem comum requer a participação de todos.

Se cada um contribuir com a sua parte, se ninguém for excluído, podemos gerar boas relações no nível comunitário, nacional e internacional em harmonia com o meio ambiente (cf. LS n. 236).

Assim, nos nossos gestos, mesmo nos mais humildes, tornar-se-á visível algo da imagem de Deus que temos dentro de nós, porque Deus é Trindade, Deus é Amor.

Esta é a definição mais bonita de Deus na Bíblia. É-nos oferecida pelo apóstolo João, que amava muito Jesus.

Deus é amor. Com a sua ajuda, podemos curar o mundo trabalhando juntos para o bem comum, não só para si, mas para o bem comum, de todos. □



VER NOVAS TODAS AS COISAS

Mensagem do Padre Geral por ocasião da festa de Santo Inácio de Loyola, 31 de julho, no lançamento do Ano Inaciano, como oportunidade de inovação que 2021 proporciona à Companhia.

Recordar Santo Inácio e celebrar sua festa é ocasião para partilhar algumas reflexões sobre o Ano Inaciano que se inicia no mês de maio de 2021.

O Ano Inaciano de 2021-2022 nos oferece uma grande oportunidade para ser aproveitada sem deixá-la passar despercebida. Um apelo para que permitamos ao Senhor que trabalhe na nossa conversão, a graça de sermos renovados.

Desejamos descobrir um novo entusiasmo interior e apostólico, uma nova vida, novos caminhos para seguir o

Senhor. Por este motivo, escolhemos como lema deste ano: ver novas todas as coisas em Cristo, e será orientado pelas Preferências Apostólicas Universais de 2019-2029.

Sabemos que assimilá-las supõe a conversão de cada um de nós, de nossas comunidades e de nossas instituições ou obras apostólicas. Peçamos a graça de uma mudança real em nossa vida-missão de cada dia!



Companheiros de Missão

Neste momento, dirijo-me especialmente aos companheiros e companheiras de missão: leigos, leigas, religiosos, religiosas e todos os que, mesmo de outras crenças ou convicções humanas, participam da mesma luta.

Esperamos, durante o Ano Inaciano, compartilhar com todos a experiência fundacional pela qual o corpo apostólico da Companhia participa na missão de reconciliar todas as coisas em Cristo.

Muitos já têm profundo compromisso com essa inspiração, com o carisma que dá vida à Companhia de Jesus. Agradeço ao Senhor por esta graça e a cada um pelo entusiasmo e proximidade conosco.

Queremos aproveitar o Ano Inaciano para acompanhar mais de perto o trabalho que o Espírito Santo está fazendo de modo que cada um possa sentir mais profundamente esse chamado.

Jovens

Digo aos jovens: queremos aprender como acompanhá-los. É de vocês que queremos aprender.

Cada um é único e nasceu com um projeto especial.

Inácio lutou para descobrir o sentido de sua vida.

Nele podemos encontrar a inspiração para a busca de cada um para fazer de suas vidas algo significativo, uma contribuição para um mundo melhor, onde se respeite a dignidade das pessoas e se conviva alegremente com a natureza.

Nosso desejo é acompanhá-los por meio de nossas atividades e, sobretudo, pelas pessoas dispostas a partilhar tempo, sonhos e esperança.

Aos jesuítas

A meus irmãos jesuítas de todas as gerações, dispersos por todo o mundo, digo que o Ano Inaciano é um novo apelo para nos inspirarmos em Santo Inácio, o Peregrino.

Sua luta interior e conversão o levaram a uma familiaridade muito próxima com Deus.

Essa familiaridade, esse intenso amor, permitiu-lhe encontrar Deus em todas as coisas e a inspirar outros para formarem, juntos, um corpo apostólico, cheio de zelo missionário.

Somos herdeiros deste carisma e responsáveis por sua continuidade nos tempos em que vivemos.

Para Inácio, uma vida de pobreza era expressão da intimidade com Jesus, o Senhor.

Mais que palavras, sua pobreza foi sinal de uma transformação interior, de uma crescente vulnerabilidade perante o Senhor, de sua indiferença radical na disposição de seguir a vontade de Deus, de sua convicção de que do alto tudo procede como um dom.

Como podemos nós, os atuais membros da Companhia de Jesus, receber e vivenciar esta graça da pobreza evangélica?

Em primeiro lugar, vivenciando de perto a vida de Jesus como a vivenciamos Inácio e seus primeiros companheiros.

Um relacionamento íntimo com o Senhor é possível se o desejamos e pedimos com insistência, como aprendemos nos Exercícios Espirituais.

Essa intimidade não é para dela desfrutar tranquilamente. Ao contrário, é uma intimidade que nos capacita a amar e seguir Jesus mais de perto.

Ele continua a nos chamar, especialmente através dos mais pobres e marginalizados, pelo grito da terra e de tudo o que é vulnerável.

Para os primeiros companheiros, a vida em pobreza, individual e comunitária, sempre acompanhou o cuidado com os pobres. Essa é uma parte essencial do carisma que herdamos.

Guiados pelo discernimento das Preferências Apostólicas Universais acolhemos o desafio de ouvir o grito dos pobres, dos excluídos, daqueles cuja dignidade foi violada.

Aceitamos caminhar com eles, promover juntos a transformação das estruturas injustas claramente manifestas na atual crise mundial.

Permitam-me ser claro: essa crise não é apenas da saúde e finanças, mas, sobretudo, social e política.

A pandemia da COVID-19 revelou as graves deficiências das relações sociais em todos os níveis, na desordem internacional e nas causas do desequilíbrio ecológico.

Somente o amor a Jesus traz a cura definitiva. E seremos testemunhas deste amor se estivermos estreitamente unidos a Ele, unidos conosco mesmos e com os que o mundo deserta.

Viver nosso voto de pobreza nas atuais condições exigirá mudanças em nossa cultura de organização.

O percurso dos Exercícios Espirituais pode ser nosso guia, começando pela profunda renovação da liberdade interior que leva à indiferença e à disponibilidade ao “que mais convém”.

Precisamos também reconhecer nossas deficiências, inclusive os pecados nesta matéria, para poder alcançar a própria identificação com o Jesus pobre e humilde dos Evangelhos.

Peçamos agora, como já tantas vezes o fizemos na contemplação do chamado do Rei Eterno [EE 98], a graça de renovar nosso desejo de imitá-lo “sofrendo todas as injúrias, toda ignomínia e toda pobreza, tanto material como espiritual”.

É como jesuítas que devemos nos perguntar o que significa, em nosso tempo, introduzir mudanças em nossa vida de pobreza religiosa para torná-la mais estrita.

No texto inaciano, a expressão completa diz que, conforme as exigências dos tempos, veja-se se é necessário introduzir mudanças que a tornem mais estrita.

O que queremos fazer é entender quais são as exigências atuais visando também o futuro.

O exame de nossa vida de pobreza

converte-se na forma concreta de inspirar a conversão para uma recristianização de nossa vida-missão.

Queridos irmãos jesuítas, queridos companheiros e companheiras de missão, este pode ser um momento transformador para a Companhia de Jesus.

Pode ser um momento que traz nova energia, nova liberdade, novas iniciativas, novo amor pelos outros e para com nossos irmãos e irmãs mais sofridos.

Ao recordar Santo Inácio de Loyola e sua conversão encontramos alento.

Uma mudança é possível. Nosso “coração de pedra” pode se converter em “coração de carne”. Nosso mundo pode encontrar novas formas para ir adiante.

Ponhamos nossas mãos nas de Jesus, nosso irmão e amigo, e partamos rumo a um futuro incerto, mas esperançoso, tendo confiança de que Ele está conosco e que seu Espírito está nos guiando.

Santo Inácio de Loyola, rogai por nós.

Que o Senhor nos abençoe enquanto caminhamos com Ele. □



COMPANHIA DE JESUS

O PADRE SABOIA QUE CONHECI

O confinamento a que estamos submetidos é realmente uma experiência inédita.

Gostei do comentário de um jornalista português que me ajudou a ficar mais conformado, quando disse que esse confinamento não é nada se comparado com o que nossos avós e bisavós passaram. Na época, eles eram convocados para ir à guerra! Nós, hoje, estamos sendo intimados a ficar em casa, a ir para o sofá!

Gostei do Caderno da FEI "colocar a bola em campo", propondo-me agilizar a minha memória contando um

pouco sobre o ilustre Pe. Saboia que conheci.

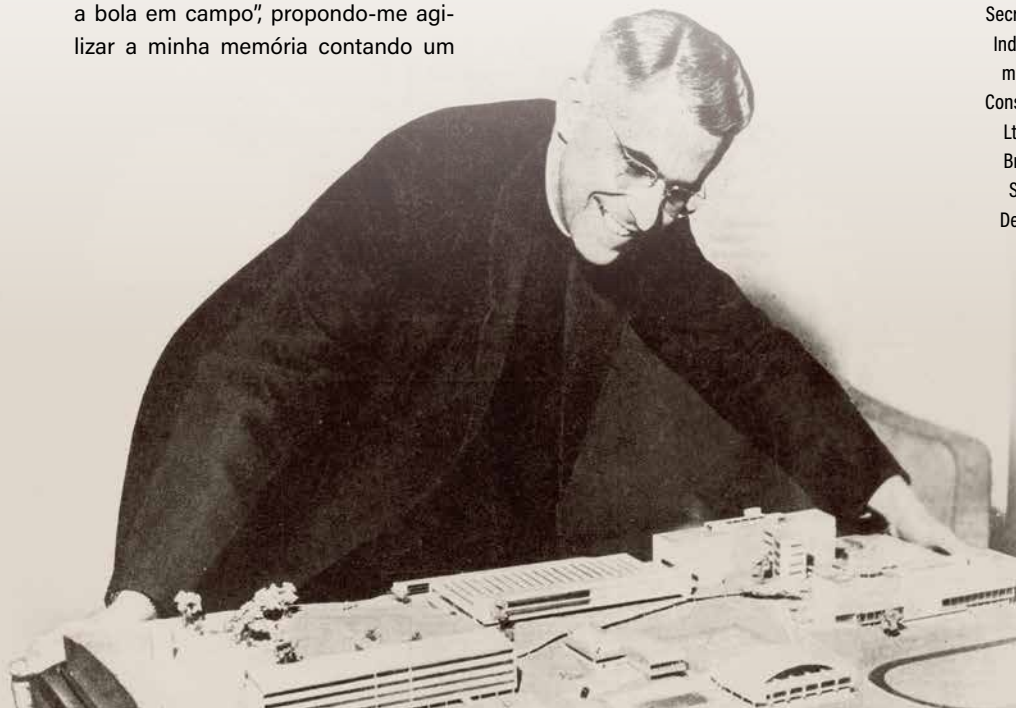
Meus primeiros contatos com ele foram em 1953, quando entrei na FEI que ele tinha fundado.

Com 20 anos de idade, não tinha a menor ideia de quem era ele e muito menos podia avaliar ou prever a sua influência na minha vida. Sabia apenas que era um padre jesuíta e, por meio dele, que os jesuítas eram focados em educação e tinham grande e importante atuação no Brasil.



José Ganesi Sobrinho

Secretário da Diretoria da FEI, Engenheiro Industrial, formado pela FEI em 1957, na modalidade mecânica; Presidente do Conselho da Nylok Tecnologia em Fixação Ltda. Já trabalhou na General Motors, Brazaço Mapri S.A., Diretor da Torque S.A, da Comercial da Sabó S.A. e no Departamento de Economia, da Fiesp.



Pe. Roberto Saboia de Medeiros
com a maquete da FEI

Hoje, com 87 anos, posso afirmar que é enorme e decisiva em todos os aspectos: profissional, social e religioso.

Como ser humano, era um líder autêntico, exigente e justo, compreensivo e trabalhador.

Durante o tempo em que tive a oportunidade de conviver com ele, nunca me chamou a atenção o fato de que sendo jesuíta fosse diferente dos outros padres que conhecia.

Reconheço e posso afirmar que ele, talvez até sem perceber, nos ensinou muito sem falar especificamente em religião. Com brilhantismo e competência defendia os princípios cristãos e a posição da Igreja nas missas dominicais, muito concorridas, nas palestras e comentários feitos na imprensa e no rádio.

Ficou famosa a polêmica travada nos jornais com o então líder comunista José Maria Crispim, que, se sentindo incapaz de confronto pessoal, não compareceu ao debate final.

Era um homem de visão.

Na década de 1940, em plena 2ª Grande Guerra e ditadura de Getúlio Vargas, Pe. Saboia percebeu que a indústria e o comércio necessitavam de profissionais especialistas em gestão empresarial. Na época, praticamente era feita por advogados.

A criação da Escola Superior de Administração e da Faculdade de Engenharia o qualifica como alguém de visão diferenciada. Em questão de "qualidades", era uma pessoa privilegiada. Para mim, as mais notáveis eram a visão e o empreendedorismo.

Devo ressaltar que, pessoalmente, relacionei-me com o Pe. Saboia por apenas um pequeno período de três anos. Portanto, meu testemunho da trajetória de sua vida é bastante limitado.

Na minha opinião, o que o levou a pensar na criação da ESAN e da FEI foi a sua extraordinária capacidade de visão. Os fatos confirmaram.

Quem poderia prever que, na década seguinte, teríamos como Presidente Juscelino Kubistchek, com um plano de governo enfatizando a indústria para crescer 50 anos em 5 anos.

Partiu então para a fundação e implantação da ESAN e FEI confiando na sua fé, autodeterminação e capacidade de trabalho, com a colaboração valiosa de empresários, professores e amigos.

Começava o dia trabalhando.

Sua limusine preta (uma Hudson?), naquela época, estava equipada de escrivaninha e telefone.

Foi também um inovador na parte administrativa.

Eu não tinha acesso às necessidades financeiras, mas via suas iniciativas para cobrir os gastos como, por exemplo, conseguir que conceituados professores de Engenharia espontaneamente fizessem doação de seu salário.

Institui para as empresas a "Campanha do Continho", uma doação mensal. Quantas vezes eu ia à Light buscar essa ajuda.

INOVAÇÃO é uma palavra nova, mas não é moderna.

O Pe. Saboia percebeu que não bastava a presença de competentes técnicos de visão empresarial para o sucesso dos empreendimentos.

Era preciso pensar no ser humano e sua complexidade, que além de bons técnicos, com conhecimentos para enfrentar as incertezas do mundo empresarial, fossem profissionais com uma visão ética nos negócios.

Por isso, a simples divulgação da obra do Pe. Saboia é uma importante fonte de inspiração inovadora.

Agradeço a oportunidade para relembrar momentos preciosos da minha vida e preencher um pouco do ócio do isolamento forçado. □

OS NOVOS DESAFIOS DA VIDA ACADÊMICA UNIVERSITÁRIA PARA PROFESSORES E ALUNOS

Todo início de ano renovamos os votos de esperança, saúde e sucesso de nossos familiares, amigos e entes queridos, assim como criamos novas expectativas, projetos e planejamentos da vida pessoal e profissional. O início de 2020 não foi diferente, e muitos já haviam traçado seus planos para o novo ano, incluindo viagens, metas profissionais e pessoais.

Porém, a novidade nada agradável de uma pandemia surgiu e embaralhou todos os sonhos, procedimentos e passos que estavam sendo dados rumo aos objetivos traçados. Nas universidades, por exemplo, o impacto foi grande e forçou uma mudança drástica de métodos, formas e contatos entre professores e alunos.



Prof. Dr. Dário Henrique Alliprandini
Vice-Reitor de Ensino e Pesquisa da FEI



Prof. Dr. Flavio Tonidandel
Vice-Reitor de Extensão e Atividades
Comunitárias da FEI



Em muitos casos, a pandemia apenas acelerou aquilo que já deveria ter sido desenvolvido ou implementado nos diversos setores de nossas vidas. E aqui incluem-se as universidades e sua vida acadêmica. Antes mesmo da pandemia, o ensino já passava, ou era forçado a passar, por transformações em sua essência. Temas recorrentes de palestras, reuniões e planejamentos institucionais e acadêmicos eram os conceitos de aprendizagem ativa, ensino por competências, PBL e sala de aula invertida. As universidades preparavam-se para tomar essa direção.

A maior dificuldade das universidades atuais, principalmente as mais tradicionais, residia em não enxergar além dos muros de sua fortaleza, construída ao longo de anos, e que são responsáveis por toda sua grandeza há anos venerada. Além dos muros existe um mundo em transformação onde o uso intensivo de tecnologia, aulas de ensino híbrido, composições curriculares que transcendem o conceito de disciplina, e muitas outras novidades nasciam de forma esplendorosa.

O fato é que as estradas que nos trouxeram até aqui não são as mesmas que nos levarão ao futuro. E a pandemia surgiu para nos mostrar o quanto podemos, o quanto sabemos e o quanto desejamos mudar. O ensino telepresencial quebrou paradigmas, e nos mostrou que existe um mundo a ser explorado fora dos muros de uma sala de aula tradicional. Mais do que permitir que as universidades e escolas não

parassem, o ensino telepresencial esfacelou velhos conceitos preconcebidos baseados em uma época em que o professor era o único detentor do conhecimento e a sala de aula o único local de aprendizado.

Saber usar a tecnologia, compreender como o aluno obtém conhecimento por meio de videoaulas, e entender o papel do educador na formação de competências nos alunos passa a ser primordial neste nomeado “novo normal”. É fato que o ensino de qualidade não está apenas no conteúdo que os professores passam a seus alunos diante um quadro branco durante horas, mas sim naquilo que o aluno é capaz de fazer com esse aprendizado.

A pandemia e as mudanças que estão acontecendo nos ensinamentos fundamental e médio trazem novos e importantes desafios às universidades. Videoaulas, aulas telepresenciais ou conteúdos em formato EaD, viabilizados pelo uso da tecnologia como suporte ao ensino, tornam-se partes fundamentais de um todo que inclui, necessariamente, atividades práticas e resolução de problemas em ambientes que não mais devem ser parecidos com salas de aulas ou laboratórios com atividades formatadas. O desafio é formar competências, não mais medir conteúdo. Como pudemos ver e perceber, as fontes de conteúdo são diversas e muito maiores que uma sala de aula. E com isso, componentes curriculares deixam de ser apenas disciplinas, avaliações deixam de ser apenas provas teóricas e

as práticas deixam de ser apenas laboratórios com *scripts*.

A demanda por novos modelos de ensino e aprendizagem, em que o aluno é responsável pelo seu desempenho e atuação, é primordial neste “novo normal”. Alunos passam a ser desafiados, passam a ser protagonistas no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. E não estamos falando de disciplinas optativas e eletivas, mas sim do aluno construir seu próprio protótipo em Maker Labs, desenvolver sua ideia em incubadoras, aprimorar sua criatividade em desafios práticos regulares, criar seu próprio destino com tutoria e mentoria dos docentes da universidade. Não se medirá mais o aluno pelo resultado que ele obtém na resolução do problema, mas sim pela forma como ele chega à solução. O caminho torna-se muito mais importante do que a chegada. Só assim formaremos profissionais prontos para, por meio da inovação e criatividade, transformar o mundo complexo e cheio de novos desafios.

O novo desafio é saber dar as oportunidades para os alunos evoluírem. E neste ambiente, o mindset do professor e do aluno devem mudar. Devem evoluir juntos. Um ecossistema integrado, que irá culminar em um alcance maior da universidade, afetando positivamente sua internacionalização e enraizando o conceito de Lifelong Learning na instituição. Este é o “novo normal”. Este é o novo desafio. □

A PANDEMIA, O DRAGÃO E O APOCALIPSE

Reflexões em tempo de coronavírus...

Prof. Dr. Diego Genu Klautau

Doutor em Ciências da Religião com pós-doutorado na PUC-SP com desdobramento atual na PUC-MG. É docente no Departamento de Ciências Sociais e Jurídicas do Centro Universitário FEI e professor de Ensino Médio no Colégio Catamarã.

 dklautau@fei.edu.br



istockphoto.com/peepo

A partir da mitologia comparada, por exemplo o livro *Tratado da História das Religiões*, de Mircea Eliade (2010, p. 155-156; 168-171; p. 358-361), podemos pensar na figura do dragão.

A palavra vem do grego drakon, ser aquático e que remete ao ato de ver, monstro normalmente de caráter maligno. Contudo, historicamente podemos considerar, grosso modo e correndo todos os riscos da generalização e simplificação, que, apesar das diferenças particulares da imagem nas diferentes culturas, o dragão (nesse sentido lato de ser marinho, caótico e superior ao homem, como um grande réptil, serpente, crocodilo ou lagarto) simboliza as forças da natureza na sua mais exuberante dinâmica vigorosa e indiferente ao homem.

Essa perspectiva é bem aceita na mitologia comparada. Da mesma forma, dentro da lógica do símbolo, costuma-se associar os significados do dragão a diferentes posturas das civilizações históricas que condicionam as formas como tais povos se relacionam com os ritmos e perigos do meio ambiente. Uma vez que a cultura assume uma perspectiva diante dessa expressão da natureza indomável, podemos analisar as diferentes reações de atitudes coletivas e princípios socioculturais e ambientais diante do dragão.

Quero ressaltar, nessa reflexão, três abordagens sobre a figura do dragão, sendo uma predominante do oriente, outra hegemônica no ocidente e, por fim, uma especificamente cristã.

Inicialmente, chamo atenção para a cosmovisão entre as posturas ocidentais, vindas dos hipotéticos indo-europeus, que integrariam mesopotâmicos, indianos, iranianos e europeus. Nessa primeira perspectiva, lembramos de Tiamat, a deusa-serpente do poema babilônio Enuma Elish, datado do segundo milênio a.C., morta pelo deus Marduk, que utiliza a carcaça de Tiamat para configurar o mundo.

Nesse mito fundante, encontramos o dragão tanto como o desafio a ser vencido em nome da sobrevivência quanto como a origem da matéria-prima para a construção do mundo civilizado. Assim, a natureza é tanto o nosso maior oponente quanto nossa fonte da vida.

Entre os gregos, essa dupla significação, isto é, do inimigo a ser abatido e ao mesmo tempo o caminho para o tesouro, é abundante. Na *Teogonia*, de Hesíodo, do século VIII a.C., podemos encontrar, na linhagem dos titãs do mar, Tífon, monstro-serpente que foi o último desafio para Zeus assumir como rei dos deuses; a hidra de Lerna, morta por Hércules para cumprir seus doze trabalhos e conseguir as flechas envenenadas por meio do sangue da Hidra; e o dragão guardião dos pomos (maçãs) de ouro no jardim das Hespérides, igualmente morto por Hércules. Por fim, vale lembrar de Pítom, na Biblioteca de Pseudo-Apolodoro, nos séculos I-II d.C., o dragão que cuidava de Delfos, que o deus Apolo teve que matar para fundar seu Templo.

Em todos esses casos, o símbolo do dragão é sempre o obstáculo a ser vencido para se conseguir o tesouro. Pôr à prova o heroísmo é matar o monstro reptiliano em nome da civilização, seja para conseguir os recursos materiais para a formação do mundo, seja para honrar o próprio nome na glória, seja ainda para conseguir a preciosidade almejada, seja mesmo, como no caso de Apolo contra Pítom, fundar o templo cujas pérolas são a sabedoria, que se expressa na frase escrita no templo de Delfos: conheça-te a ti mesmo. Para matar o dragão

e acessar o tesouro, é necessário o autoconhecimento. Esse é o mote socrático, no século IV a.C., que funda a filosofia ocidental e que se desdobra na aposta da razão e da técnica como mestras da natureza.

Uma segunda forma de lidar com o dragão é à maneira dos orientais, como por exemplo as tradições da China, Coreias e Japão. Essas civilizações se relacionam com a natureza por meio de uma postura mais de harmonização, daí o dragão, para eles, ser menos hostil, um símbolo da superioridade de forças que devem ser reverenciadas e respeitadas. A indiferença do dragão diante do homem e a necessidade de humildade pela noção da pequenez humana são comuns com os ocidentais, mas a atitude de conquista difere da atitude de harmonia dos orientais.

Nesse sentido, ao invés dos traços de desafio e conquista, temos harmonia e reverência. O dragão-natureza é a autoridade ordenadora da humanidade. Assim, para Tchuang Tzu, um dos expoentes do taoísmo chinês do século IV a.C., que escreveu um livro com seu nome, o dragão é símbolo da vida rítmica em unidade com as águas na harmoniosa ondulação que alimenta o mundo e a civilização. Essa relação de fecundidade e destruição, do homem como indefeso diante do ciclo da natureza, será unificada na dança do dragão, assim como a integração do imperador chinês como o dragão terrestre, porque somente o imperador-dragão pode impor sua vontade e trazer a ordem diante do caos. Por isso, o imperador amarelo Huang-ti, do terceiro milênio a.C., foi levado aos céus por um dragão barbado, juntamente com suas mulheres e conselheiros.



São Jorge decepando o Dragão - Carlo Crivelli, 1470

Essa diferença genérica entre ocidente e oriente vai gerar uma discussão enorme de como a perspectiva mitológica-religiosa influencia a cultura de cada uma dessas civilizações, gerando uma maneira própria de como cada uma delas trata da natureza, política, ciência e tecnologia. Um exemplo é a revolução científica, que aconteceu no ocidente mesmo com o oriente descobrindo certas coisas primeiro (como a pólvora e os instrumentos de navegação).

Não quero requestrar a controvérsia dos anos 1990 entre Samuel Huntington, com seu livro *O Choque das Civilizações*, e Francis Fukuyama, na obra *O Fim da História e o último homem*. Em tal polêmica, Fukuyama afirmava que após a Guerra Fria e o colapso do comunismo soviético o mundo rumaria finalmente para uma estabilização civilizatória fundada na democracia iluminista liberal, enquanto Huntington afirmava que o grande conflito do século XXI seria de bases culturais e religiosas, ao invés da disputa de modelos econômicos e políticos comunistas ou capitalistas.

Contudo, quero ressaltar como essa perspectiva simbólica do dragão pode nos ajudar a entender nossa situação diante da pandemia que grassou pelo mundo em 2020.

Seja por meio do desafio de matar o monstro e conquistar o tesouro, seja a reverência da autoridade e a harmonização com ritmo cósmico, a natureza sempre nos oferece desafios, ainda mais perceptíveis em suas diferenças e problemas comuns entre todas as civilizações globais. Na China, Japão e Coreia, a principal via de combate do "dragão-corona" foi o controle social e a atitude das pessoas de resignação e colaboração com o Estado. Não à toa, o Partido Comunista na China, após décadas de sincretismo com o capitalismo, agora começa a resgatar o confucionismo, doutrina iniciada pelo sábio Confúcio, no século VI a.C., reformador do taoísmo, que considera o imperador como a representação do dragão em seu controle dos ritmos cósmicos e sociais.

No ocidente, na tradição anglo-saxã, representada pelos EUA e a Inglaterra, existe o poema *Beowulf* do século VIII d.C., o primeiro documento escrito na língua inglesa (old english), que mistura elementos greco-romanos, bíblicos e nórdicos, expressando o herói impetuoso e forte diante dos ogros e que mata o dragão que cuida do tesouro, para livrar seu povo do perigo.

Nessa esteira, a primeira coisa que o presidente Donald Trump fez

para acalmar os ânimos foi exibir um potencial remédio para eliminar a doença. Mesmo depois de falhas nesse sentido, o ocidente, especialmente a Inglaterra por meio da universidade de Oxford, se encarregou de promover a pesquisa para a vacina como troféu civilizatório contra a China, numa reedição da corrida nuclear da segunda metade do século XX, agora com a corrida virológica, para mostrar quem consegue dominar essa biotecnologia com mais eficiência.

Por fim, no oriente, entendeu-se que deveria respeitar-se o "dragão-corona" ficando em casa e evitando o contato, buscando a harmonia. No ocidente, a primeira reação foi anunciar a arma para matar o bicho, com o combo do remédio ou da vacina. Independentemente de considerações políticas, pois o isolamento e a colaboração social têm se mostrado eficazes de fato, embora sejam medida paliativa – o coronavírus só será derrotado com remédio e vacina –, a questão do dragão dentro da terceira perspectiva, a cristã, nos traz novos elementos para reflexão.

Como deve estar na memória de todos, o relato bíblico do Gênesis nos apresenta a serpente que engana Adão e Eva como uma embusteira e mentirosa. Não oferece perigo físico e nem mesmo uma reverência. Ela é

frágil e se arrasta no chão, sussurran-
do coisas suspeitas. Da mesma forma,
no livro de Daniel, o profeta aparece
matando um monstro adorado pelos
babilônios e descrito como dragão
(Dn 14, 23-30), revelando que ninguém
é como Deus, imortal e todo-pode-
roso, pois até mesmo animais terríveis
como os dragões podem ser mortos.
Por fim, o profeta Ezequiel compara o
faraó do Egito com o dragão (Ez 29, 3)
e sua aparente invencibilidade desti-
nada ao fracasso.

Nesses casos, a perspectiva é
sempre a derrota do dragão como
forma de superar um ídolo, e não con-
quistar um tesouro ou harmonizar-se

com a natureza. As forças naturais
não devem ser adoradas ou submeti-
das como escravas, mas servem para
encontrar Deus. Da mesma forma que
enfrentar o dragão para conquistar seu
tesouro é idolatria, se submeter a uma
força draconiana, do mundo físico ou
social, é igualmente adorar falsamente.
O dragão vermelho do apocalipse
cristão (Ap 12) revela um outro traço,
pois, quando aparece diante da Mulher
e seu filho, Deus orienta ambos para
longe e deixa o combate do dragão
para os anjos.

Ao homem não cabe harmonizar-se
com o dragão, a sua condição natural
de mortalidade deve transcender para

a imortalidade assim como não tem
capacidade de enfrentá-lo, pois isso
cabe a Deus e seus anjos, correndo o
risco de se transformar em servo do
próprio dragão e destruir o meio am-
biente e a Criação Divina. Resta traba-
lhar como se tudo dependesse de nós,
ciência e sociedade, tendo consciência
de que tudo depende de Deus. Nada
simboliza mais essa atitude do que a
imagem do papa Francisco na noite da
Sexta-Feira Santa (10 de abril de 2020),
numa Praça de São Pedro esvaziada,
acompanhado de poucos profissionais
da saúde – a linha de frente no comba-
te à pandemia –, lançando sua bênção
na noite em que lembramos a morte de
Cristo na cruz. □



istockphoto.com/DjelicS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELIADE, Mircea. Tratado da História das Religiões. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. 4.ed. -São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

HESÍODO. Teogonia. Trad. Jaa Torrano. 4.ed. - São Paulo: iluminuras, 2001.

CABRAL, Luiz Alberto Machado. A biblioteca do Pseudo-Apolodoro e o estatuto da mitografia. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem, Unicamp. 2013.

HUNTINGTON, Samuel P. O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial. Trad. M. H. C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TOLKIEN, J. R. R. Beowulf: uma tradução comentada. Trad. Ronald Kyrmse. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2004.

E O MUNDO NÃO É MAIS O MESMO

Prof. José Afonso de Oliveira

Ex-aluno do Colégio Anchieta de Nova Friburgo, formado em Ciências Sociais pela PUC- Campinas com especializações em Sociologia e Educação Ambiental. Mestrado em Sociedade e Cultura. Professor concursado da UNIOESTE - Foz de Iguaçu, PR.

✉ afonsofoz@terra.com.br



istockphoto.com/CasarsaGuru

O mal-estar da civilização

Esse é o título de uma obra de Freud que indica muito do que estamos vivenciando agora.

Freud escreve essa obra vivendo numa Europa conturbada pela ascensão do nazismo na Alemanha e suas terríveis e temíveis consequências para a Europa e para o mundo.

Para ele, os impulsos vitais que organizavam e motivavam a vida, seriam Eros, como o amor em suas maiores dimensões, em que a figura do outro tem grande relevância e significado.

Podemos aprofundar esse conhecimento a respeito do outro com as obras de Enrique Dussel, que trabalha muito essa questão em praticamente toda a sua vasta obra acadêmica.

É com esse pensamento que podemos identificar o outro como sendo aquele que é diferente de mim mesmo.

No sentido proposto por Freud, em que a pulsão sexual, no sentido de uma profunda amorosidade pelo outro, é tudo aquilo que motiva as pessoas à vida em suas maiores dimensões.

Mas Freud trabalha igualmente a questão de Tanatos, ou seja, a negação da vida, a morte como sendo igualmente uma pulsão essencial para a vida humana.

Assim, podemos dizer que o amor motiva a vida, da mesma forma que o medo da morte, ambos contribuindo para que a vida possa ser o que ela realmente é: bela, imensa, intensa, mas limitada, falida e destruída completamente.

Todas as grandezas da civilização, como sejam, por exemplo, o desenvolvimento científico/tecnológico, as artes, as grandes ideias produzidas, as grandes culturas religiosas, tudo enfim que engrandece o ser humano, foram construídas lenta ou aceleradamente em todo o transcurso da história da humanidade, ou seja, em seu processo civilizatório.

É algo grandioso que condiz plenamente com a condição humana, pois que somente os seres humanos são capazes dessa imensa obra que transcende o tempo e o espaço e chega até nós. Pensar, por exemplo, no pensamento grego que, já distante de nós em muitos séculos, ainda serve perfeitamente de modelo de construção de nossas sociedades no Ocidente.

Mas podemos pensar em outros modelos, menos conhecidos, como os chineses e indianos, que exercem grande influência no mundo oriental, nos dias atuais, da mesma forma que modelos pouco conhecidos como os dos astecas e maias continuam exercendo influência nos nossos modelos ocidentais.

A evolução do homem o leva de um estado de grande isolamento natural e, por conta disso, de um fechamento em si mesmo, um egoísmo enorme, a um ser humano socializado que, no projeto civilizatório, se abre à convivência social, tendo no outro o elemento que o realiza plenamente. Mas, de outro lado, a violência vem em um crescimento assustador dos primórdios da humanidade aos dias atuais, provocando sempre destruição e morte como meta da vida em sociedade. Assim é que o horror e o medo presentes na sociedade atual marcam também a sua organização e vida.

É assim que o pensamento proposto por Freud revela-se extremamente atual no momento que estamos vivendo no mundo globalizado.

A pandemia do coronavírus

Em primeiro lugar, é espantoso não determos nenhum conhecimen-

to sobre esse vírus – só sabendo de sua transmissão, rápida e violenta, e de sua letalidade. Temos aí, portanto, uma realidade muito próxima daquilo que podemos identificar como o terrorismo.

"Da mesma forma que o terrorismo é invisível, ou seja, um exército armado para a destruição da humanidade, também a pandemia se apresenta assim em nossa realidade, com sua característica própria, que nenhum Estado, por mais rico e poderoso que seja, pode ser eficiente em seu combate."

Isso é absolutamente assustador e nos coloca em uma situação de espanto, pois que, com todos os nossos avanços científicos/tecnológicos, nada, absolutamente nada podemos fazer com a segurança de contermos a expansão dessa pandemia.



De outro lado, paira no ar a busca de culpabilidade, informando que a China seria a responsável já que a pandemia teve início em seu território, buscando transformar a situação em um confronto já existente entre a China e os Estados Unidos.

Convenhamos, porém, que isso não tem nenhuma prova concreta, disponível e na medida em que a pandemia se alastra, mundo afora, fica mais clara a situação que não pode mesmo ser identificada essa culpabilidade do governo chinês. Fica claro que a pandemia teve início na China, mas é preciso ter muito cuidado para não envolver essa situação com a atual disputa comercial entre a China e os Estados

Unidos. Tão logo o governo chinês foi informado da ocorrência da contaminação pelo coronavírus informou a OMS, alertando para a sua possível expansão mundo afora. Finalmente, não temos nenhuma comprovação de que o vírus tenha sido produzido em laboratório na China e disseminado entre sua própria população – o que soa realmente como um grande absurdo.

O que também estamos vendo é que outras situações semelhantes, recentemente vivenciadas e que criaram epidemias que foram apenas regionalizadas em algumas áreas do planeta, tiveram igualmente situações de grande letalidade, mas longe de qualquer semelhança com a pandemia atual.

Se podemos comparar a sua expansão com a gripe espanhola do início do século passado que também atingiu o mundo, vamos verificar que a atual pandemia atinge o mundo globalizado de uma forma muito acelerada e com imensa letalidade. É fato que a gripe espanhola foi sendo transmitida através das rotas de navegação existentes, e a pandemia atual vai sendo transmitida por conta das viagens internacionais, com passageiros levando os vírus para o resto do mundo global.

Como a globalização, significando primordialmente a abertura dos mercados de consumo, trabalha com intensa rapidez e grande volume de mercadorias, é através desse mecanismo que a propagação do vírus será também muito acelerada e dentro das condições de velocidade de tempo que estamos vivendo.

A situação é grave pois ainda detemos pouco conhecimento sobre as origens do coronavírus. O atendimento aos pacientes vem sendo melhorado, na medida em que estamos percebendo as reações aos tratamentos e estamos todos na expectativa de que as vacinas já sendo administradas possam gerar a imunização de toda a humanidade, em pequeno espaço de tempo, colocando toda a pandemia em extinção – dado o controle sobre o vírus.

Mudança de época

O final do mundo medieval europeu e o início da modernidade correspondeu a uma grande mudança de época.

Naquele momento, o feudalismo, enquanto sistema produtivo dominante, estava entrando em um processo de destruição sendo, lenta ou aceleradamente, substituído pelo capitalismo, com a ascensão do trabalho assalariado e a ampliação do comércio com a chamada rota da seda, interligando a Europa à China.

Tudo isso gerou o movimento dos grandes descobrimentos e a ampliação do mundo desconhecido pelo estabelecimento, em larga escala, de relações comerciais.

A concepção do mundo geocêntrico é substituída por uma nova realidade baseada no princípio heliocêntrico inserido no pensamento dessa época de grandes transformações que em nível cultural será denominada de Renascimento.

Finalmente, o domínio do poder religioso será cindido com a Reforma, e há o surgimento de concepções religiosas de agrado com a nova sociedade burguesa que está emergindo,



em que a acumulação de capitais passa a ser bem vista e sinal de salvação eterna.

Distando cerca de 5 séculos da realidade que agora estamos vivendo, estamos em uma nova e profunda mudança de época, em que as transformações são rápidas, profundas e muito violentas.

O capitalismo financeiro passa a ser dominante, e na sua forma anterior o processo industrial é transformado com a introdução de sistemas informatizados e robotizados de produção.

Produzimos agora em escalas sem limites, em quantidades imensas exigindo a criação de um mundo

novo com a abertura de mercados no que conhecemos como globalização.

O conhecimento é imenso, ampliando-se rapidamente para novas realidades nas áreas de informática, com a possibilidade, através da inteligência artificial, de termos o domínio das máquinas produtivas, substituindo os homens.

Também avançamos nas áreas de engenharia genética, descobrindo mutações antes desconhecidas, entramos nas novas áreas da física quântica, de estudos do universo, das nanotecnologias, enfim, todo um conhecimento que parece ter surgido do nada, mas que na realidade é fruto de intensos estudos teóricos que se consolidaram com o passar do tempo.

A nossa comunicação passa a ser instantânea, os segundos são agora contados nas suas menores frações, permitindo um acúmulo de informações absolutamente imprevistos até bem pouco tempo passado. Pensar que bibliotecas, museus e centros de pesquisa existentes no mundo inteiro podem ser acessados de qualquer parte do planeta, permitindo uma ampliação fantástica e imensa do conhecimento é algo não só maravilhoso como tremendamente positivo, no sentido de dotarmos todas as pessoas de acesso ao conhecimento e, por conta disso, de possibilidades muito reais e concretas de melhorias de condições de vida para todos.

Mas é preciso estar atento porque todas essas transformações, de uma maneira ou de outra, atingem todos nós que estamos vivendo no atual mundo globalizado. Mais do que isso, exigem novos comportamentos, procedimentos e tudo isso não pode ser realizado de uma forma consensual, pacífica, senão por geração de grandes conflitos que parecem não ter mais fim, ocorrendo em todos os países, indiscriminadamente, sem qualquer exceção.

Portanto, como em qualquer mudança, alguns (ou todos) perdem para que outros possam ganhar.

O ovo da serpente

Assim, o ovo da serpente está posto – no sentido de que o homem descobriu e detém o controle para a destruição completa do planeta através de uma guerra nuclear total. Hoje, é possível destruir o planeta, despedaçando-o no espaço, promovendo a extinção de toda a vida humana, animal e vegetal completamente.

O terror é que essa situação permanece sendo continuamente aperfeiçoada pelas grandes potências nucleares, o que pode significar a hecatombe a que estamos nos referindo.

Nesse sentido, a proposta psicanalítica de Freud em *Tanatos* adquire um novo componente, superando uma fase individual de medo da morte para uma agora coletiva, que existe e imprime gravíssimos problemas para a humanidade. Vivemos sobre esse prisma, em que não há nada que possibilite uma parada nessa corrida e, mais ainda, uma reversão e utilização dessa energia nuclear para fins pacíficos.

De outra forma, a destruição ambiental já está impactando a vida de milhares de pessoas, mundo afora, independente se ricos ou pobres – pois que todos são afetados em maior ou menor escala.

Uma das questões que apareceram com as paralisações por conta da pandemia do coronavírus foi a redução da poluição em termos gerais, que vão da China à São Paulo, no que toca à poluição atmosférica, ou então ao Rio de Janeiro, com a poluição da baía de Guanabara.

Mas a destruição ambiental é tão ou mais grave porque sutil, dando a sensação falsa de que nada está acontecendo quando, na verdade, estamos lenta ou aceleradamente destruindo as condições de vida no planeta, olhando unicamente para a acumulação de capitais por parte de poucas pessoas, mundo afora.

É assim que a pulsão do medo da morte exposta por Freud traz hoje, para a sociedade, vários e diferentes problemas, e nada está sendo realizado para que essa situação possa ser mudada.

A visão da morte, para a Igreja, é sempre correspondente a um ritual de passagem para uma vida mais plena na Trindade Santíssima. Para os cristãos, a morte tem um significado sim, mas não determinante para a vida, pois que ela não encerra a vida, senão que a eleva a um patamar de plenitude e eternidade. □

2020ª NOITE

Eis-nos
de volta à primeira noite:
sem luzes nos templos,
sem brilhos nas ruas.
Mais noite:
e a alegria secreta,
de longínquos angélicos
em poucos ouvidos pastores.
Mais solidão:
e a espera inquieta
de abrir portas e braços
a muitos deserdados mudos.
Mais silêncio:
e o desejo intenso
de encontro e acolhida
a gerar o abraço perdido.

.....

Na manhã que vem,
menos presentes inúteis,
menos lembranças vazias:
O que fazer com este ouro?
Onde acender este incenso?
Tudo o que buscas agora
É mirra para teu sofrimento
... humano
Enquanto, em panos, só Ele vela
... divino.



Profª Eliana Yunes

Professora Associada da PUC - Rio de Janeiro com
Doutorado em Letras e Linguística pela PUC-Rio e
Espanha; especializada em Formação de Leitores.
É assessora da Unesco para a América Latina.

NA LUZ DA ETERNIDADE

Colaboração: Maria Leda Fragnani e Gilson Mafra

Todos os anos somos surpreendidos pelo falecimento de pessoas muito queridas e ligadas a nós pelos laços de família, de amizade e trabalho.

Em 2020 foi diferente. De uma cidade chinesa, um poderoso vírus escapa do controle de segurança, ultrapassa rapidamente as fronteiras dos países e se alastra por todo o mundo desestruturando a vida social, trazendo indiscriminadamente preocupação, sofrimento e morte.

A FEI, como todas as instituições, manifesta sua solidariedade nestes tempos difíceis, associando também a sua

dor pelos professores e funcionários falecidos aos sofrimentos de milhares de famílias enlutadas.

A tristeza do momento não pode ofuscar o brilho daqueles que, durante tantos anos, deram parte de sua vida à FEI e acabaram de nos deixar. Alguns já estavam afastados por motivo da saúde e outros pelos imprevistos de cada dia.

O tempo consegue apagar a imagem do agora, mas a saudade a eterniza na memória histórica da instituição conservando indelével a homenagem que fazemos.





PROF. CARLOS ROBERTO BURRI

★ 1954 † 2020

Em pleno período de férias, mal havia começado o ano, fomos surpreendidos pela notícia do falecimento do Prof. Carlos Burri.

É verdade que vinham se acentuando os problemas de saúde, mas, até o final do ano, frequentemente o encontramos na FEI.

Prof. Burri é prata da casa. Formou-se na FEI como Engenheiro Mecânico, com mestrado pela Politécnica de São Paulo.

Iniciou suas atividades como estagiário, passou a ser titular, atuando também no IPEI e na coordenação do Projeto Baja.

De seu casamento com Valkiria teve duas filhas: Juliana e Natália.

Se como colegas somos testemunhas de sua seriedade e competência pro-

fissionais, nossa homenagem é enriquecida com o depoimento da esposa e filhas:

"Hoje, entendemos, ainda mais, o amor que nutria e dedicava à FEI. Sempre dizia 'morrerei dando aulas na FEI'. E assim aconteceu. Seu desejo foi cumprido!

Era um homem de opinião forte, porém ponderada. Sempre soube o momento exato de se posicionar e, mesmo se valendo de poucas palavras, era certo. A pessoa mais honesta e responsável que conhecemos.

Embora racional, como um autêntico engenheiro, emocionava-se facilmente em cada conquista alcançada pelas filhas, ganhando a alcunha, em nossa intimidade, de 'manteiga derretida'.

Como marido, casado há 39 anos,

construiu o matrimônio com amor, cumplicidade, de maneira digna e leal, qualidades tão escassas nos tempos atuais.

Como pai de duas mulheres, ensinou-as a enfrentar o mundo, a ser independentes, proporcionando-lhes, com muita dedicação, responsabilidade e suor, a formação educacional e profissional, e principalmente, a formação de caráter.

Família era tudo para ele.

Aqueles que amamos, nunca se vão. Eles estão em nós, todos os dias.

É muito confortante para nós saber que nosso pai sempre esteve, de aluno feiano a professor da Instituição, no melhor lugar, em boas mãos, que resultou em frutos imensuráveis."

Valkiria, Juliana e Natália Burri



PROF. ALFREDO ALVIM DE CASTRO

★ 1956 † 2020

Prof. Alfredo José Alvim de Castro era natural do Rio de Janeiro.

Casou-se com Sonia Maria, que lhe deu a alegria de ser pai do Raphael e da Danielle.

Era formado Engenheiro Mecânico pela PUC do Rio de Janeiro, onde também obteve o título de Mestre e depois, na USP, o de Doutor em Ciências, pelo Instituto de Pesquisas Energética e Nucleares – IPEN.

Foi contratado como docente pela FEI em 2002.

Assim comenta o prof. Reinaldo Rossetti: "A perda repentina de um amigo de tantos anos não é facilmente assimilada. A última conversa com o amigo Alfredo Alvim, otimista e animada, foi um dia antes de perpetuar a sua ausência.

Tinha o espírito livre e opiniões próprias, muitas vezes explícitas e es-

pontâneas, outras vezes, um tanto reflexivas e comedidas.

Apesar de uma carreira profissional e acadêmica invejável, não usava disso para engrandecimento pessoal. Mantinha-se na condição de um colaborador atuante e presente. Sua trajetória era longa, mesmo assim ainda acalentava muitos planos.

Gostava de divulgar com animação as novidades tecnológicas e as oportunidades acadêmicas de sua área, uma postura de profissional atento para as inovações tecnológicas e oportunidades para outros desdobramentos.

Interessante é que tivemos muitos anos de convivência, conversas frequentes, mas, curiosamente, nunca conversamos sobre religião.

No entanto, a sua religiosidade podia ser percebida – como algo um tanto peculiar para um homem da

ciência – como certamente um dos aspectos mais nobres da sua personalidade."

Pe. Theodoro Peters, ao saber do falecimento, procurando na internet mais informações, ficou impressionado com o que encontrou. Na apresentação da sua tese no IPEN, revela-se uma pessoa em comunhão com os valores, com a família e referenciais. Inspirando-se na Carta de São Tiago, reconhece que a sabedoria que vem do alto, é primeiramente pura, depois pacífica, moderada, cheia de misericórdia e bons frutos, sem parcialidade e hipocrisia. Na conclusão, cita um pensamento de Einstein: nas leis do Universo manifesta-se um Espírito Superior perante o qual o homem, com seus poderes limitados, deve humilhar-se e saber expressar bem a articulação entre a vida pessoal, a do cientista e o testemunho de sua fé.



PROF. PIER MARCO RICCHETTI

★ 1965 † 2020

Pier Marco Ricchetti deixou-nos no dia 2 de julho de 2020.

Foi realmente com triste surpresa que recebemos a notícia do seu falecimento.

Poucas semanas antes tinha enviado uma mensagem, em viva voz, informando sobre o seu estado com muita objetividade e, ao mesmo tempo, com muita esperança!

Estamos sem mais um dos grandes e queridos professores que nos deixam em plenos dias de aulas!

Nasceu em São Paulo, em 10 de dezembro de 1965. Era ainda solteiro e muito ligado aos irmãos: o Pier Franco, seu irmão gêmeo, ao Gean Riccardo e à Anna Cristina.

Pier Franco e ele eram apaixonados pela tecnologia e, como gêmeos, ambos optaram pela Engenharia. Ele pelos computadores, e o Pier Franco, pela eletrônica.

Através de cursos de extensão da FEI e da Poli aperfeiçoou-se na sua especialização, aplicando a tecnologia especificamente na Medicina, no campo da cardiologia.

Descobriu sua vocação para professor quando começou a lecionar na FEI, em 1990, e trabalhava em grandes empresas, como a Price Waterhouse, Saint Gobain e SUN Microsystems.

Tinha prazer em ensinar e se sentir fazendo parte de uma equipe de professores extremamente competentes e profissionais.

Amava os alunos, a sua profissão. Transmitia seus conhecimentos com alegria, sempre muito responsável e ético, acreditando que se tornariam ótimos profissionais e, antes de mais nada, excelentes seres humanos!

Foram inúmeras as vezes em que foi professor homenageado pelos formandos nas colações de grau.

Como amigo, uma pessoa gentil, prestativa e caridosa, um verdadeiro cavalheiro de sorriso meio tímido e doce que cativava.

Deixa uma grande saudade para os amigos da Sala dos Professores e para todos que tiveram o privilégio e o prazer de conviver com ele.

Descanse em paz, querido amigo!



PROF. LUIZ VALDIR BONASSI

★ 1950 † 2020

O Prof. Luiz Valdir Bonassi foi admitido como professor da FEI em 1976 e só a deixou em 2018, quando obrigado a cuidar da saúde. 42 anos de dedicação!

Foi sempre conhecido pela postura de um profissional competente, responsável e severo, exigente com os alunos e consigo mesmo.

O Prof. Fernando Marques Fernandes recorda-nos quem era o Professor Bonassi.

Um profissional respeitado pelos alunos e pelos outros professores em todos os locais em que lecionou. Seu semblante um tanto severo e sempre sério escondia um ser humano exem-

plar, sempre pautado pelos princípios éticos. Sua formação era em Engenharia Operacional Mecânica e Engenharia de Produção, com especialização em Mecânica Fina – Mecatrônica.

Por mais de quarenta anos, lecionou na Universidade Santa Cecília e na Faculdade de Tecnologia São Paulo - FATEC. Atuou também na área mecânica, na Mannesmann.

O Prof. Bonassi nasceu em Rio das Pedras, interior de São Paulo, no dia 2 de junho de 1950.

Era casado com a Miriam e pai da Louise, com certeza seus dois maiores amores.

Dotado de um coração imenso, estava sempre pronto a ajudar os amigos, mesmo que para isso fosse necessário um belo e extenso sermão.

Infelizmente, ele nos deixou no dia 11 de agosto de 2020, com setenta anos de idade.

Prof. Bonassi nos deixa saudades. Será lembrado pelo legado que transmitiu, pelos amigos que conquistou e pelo exemplo de sua pessoa.

Com um toque pessoal, prof. Fernando conclui sua mensagem:

“Serei eternamente grato por ter caminhado grande parte da minha vida ao seu lado, meu querido amigo e mestre! Fará uma falta imensa entre nós.”



PROF. ALBERTO FOSSA

★ 1934 † 2020

O Prof. Rafael Jacomossi, seu colega de Departamento, traduziu muito bem os sentimentos que o falecimento do Prof. Alberto Fossa trouxe para a FEI.

Ela perde mais um grande professor, na plenitude de seus oitenta anos, cheio de energia, sorriso fácil e simplicidade de uma pessoa despojada de tudo.

Era formado em Engenharia Civil pela Escola Politécnica da USP, enriquecida depois com outros cursos de especialização em Educação Superior e Administração de Empresa, pela ESAN.

Do casamento com Nilba teve duas filhas: Valéria e Nilba Maria, e o Alberto José.

Em 1984, começou a trabalhar na FEI lecionando Matemática aplicada à Administração, como Cálculo Básico e Matemática Financeira. Deu aulas de Finanças no Curso de Pós-Graduação da Escola Superior de Propaganda e

Marketing. Foi Chefe do Departamento de Ciências Exatas da ESAN e Engenheiro Chefe do Departamento de Engenharia e Manutenção, na VASP.

Foram 35 anos dedicados à formação de administradores até que, em 2019, teve que deixar a FEI para cuidar da saúde.

O Prof. Jacomossi comenta que, graças a seu jeito acolhedor e descontraído, a matemática financeira deixava de assustar os alunos.

Prof. Rogerio Orefice, também do Departamento de Administração, imaginando ter tomado o café da manhã com ele, redigiu uma crônica da qual tomamos a liberdade de reproduzir alguns trechos:

“Numa tarde destas, revisando minha vida, encontrei muitos dos que passaram e viveram comigo os meus momentos.

Senti saudades dos que se foram

para o outro lado da vida e dos que se foram só para o lado na vida.

Senti saudades dos que há muito não vejo e dos que ainda ontem estiveram comigo.

O peito me apertou com saudades daqueles que a memória escondeu.

Senti saudades dos nossos tempos, meu amigo, aqueles tempos em que ardiam em nós a esperança e o desejo de realizar. Aquelos tempos de incertezas...

Eu me lembro da sua preocupação com os alunos e com o aprendizado...

Daquelas manhãs, eu guardo doces lembranças, aquela esperança e o desejo de realizar.

Você foi um exemplo e por vezes minha ‘capa’ para os meus dias de tempestade...”

Que junto de Deus receba dele a merecida paz!



PROF. ANTONIO BORSOI

★ 1936 † 2020

Nosso querido amigo, Antônio Borsoi, partiu para junto de Deus no dia 02 de dezembro. Não chegou a completar os 84 anos de vida que seriam festejados no dia 23, nas vésperas do Natal!

Tive a graça e a alegria de conviver muito próximo dele durante quase 30 anos. Na verdade, foi um dos responsáveis pelo meu ingresso na FEI, em 1993, quando criou e coordenou, no IECAT, o primeiro curso de especialização em Gestão da Qualidade, no Brasil! Essa era uma das áreas da Engenharia de Produção com vasta experiência profissional e docente.

Era de um dinamismo inigualável, sempre com planos para o futuro. Minucioso e perfeccionista, tinha uma visão positiva de tudo e de todos, principalmente, no carinho e atenção com as pessoas!

Silvia, sua filha comenta: “era uma dessas pessoas que nascem com um dom e seu coração, desde o início, pulsa na frequência desse talento. O trabalho torna-se um prazer, uma paixão e não um ofício. Era assim a docência para o meu pai, função que desempenhou com maestria por cinquenta anos, sem nunca ter deixado de lado o fator humano. Curioso, comunicativo e sempre aberto a aprender coisas novas. Viveu seus oitenta e três anos perguntando, questionando, procurando compreender o mundo a sua volta”.

Adorado pelos alunos, incontáveis vezes foi escolhido para professor homenageado e paraninfo.

Foi muito mais do que um colega e amigo, sempre com uma palavra de incentivo e serenidade em momentos difíceis, exemplo de caráter e honestidade. Um verdadeiro MESTRE!

Antonio Borsoi era natural de São Paulo, casado com Lelia Maria, pai de três filhos: Silvia, Luis Fernando e Carlos Eduardo.

Formado em Engenharia Civil pelo Mackenzie, com Mestrado na Poli, especializou-se em Engenharia de Segurança do Trabalho. Em 1970, foi admitido como professor da FEI, no departamento de Produção. Atuou em diversas Empresas como Philips do Brasil, Cerâmica São Caetano, Cia de Tecidos Paulista, Willys-Overland do Brasil, Cia Metropolitana de Águas de São Paulo.

No início de 2020, ao completar cinquenta anos de FEI, deixou as atividades docentes e agora, desde o dia 2 de dezembro, junto de Deus, passa a fazer parte da Galeria dos Grandes Mestres da FEI.

Prof. Wilson Hilsdorf



Mensagem pelo Natal

Os salmos expressam a oração da humanidade, de geração em geração. Apresentam sentimentos humanos. Revelam procederes divinos. Humanidade à busca de Deus, Divindade deixando-se encontrar.

Assim, aproximamo-nos da Família Sagrada em Belém, para encontrarmos, envolto em paninhos, deitado na manjedoura, a Jesus do Natal. José e Maria acenam para que contemplemos o Deus da nossa alegria, o Deus que nos faz dançar de alegria, para guiar-nos como Luz e Verdade, tão rezado. (Sl 43,3-4). Acompanhados pelos pastores, anjos e tantos de boa vontade. (Lc 2,10).

A alegria de Deus se deu a conhecer no pequenino, a luz irradou, o caminho se abriu para Deus, a paz acalentou os corações: o Senhor ouviu as preces, respondeu às expectativas humanas.

A FEI lhe transmite e à sua família os votos festivos pelo Natal e pelo Ano Novo que se anuncia.

Pe. Theodoro Paulo S. Peters, S.J.
Presidente da FEI

